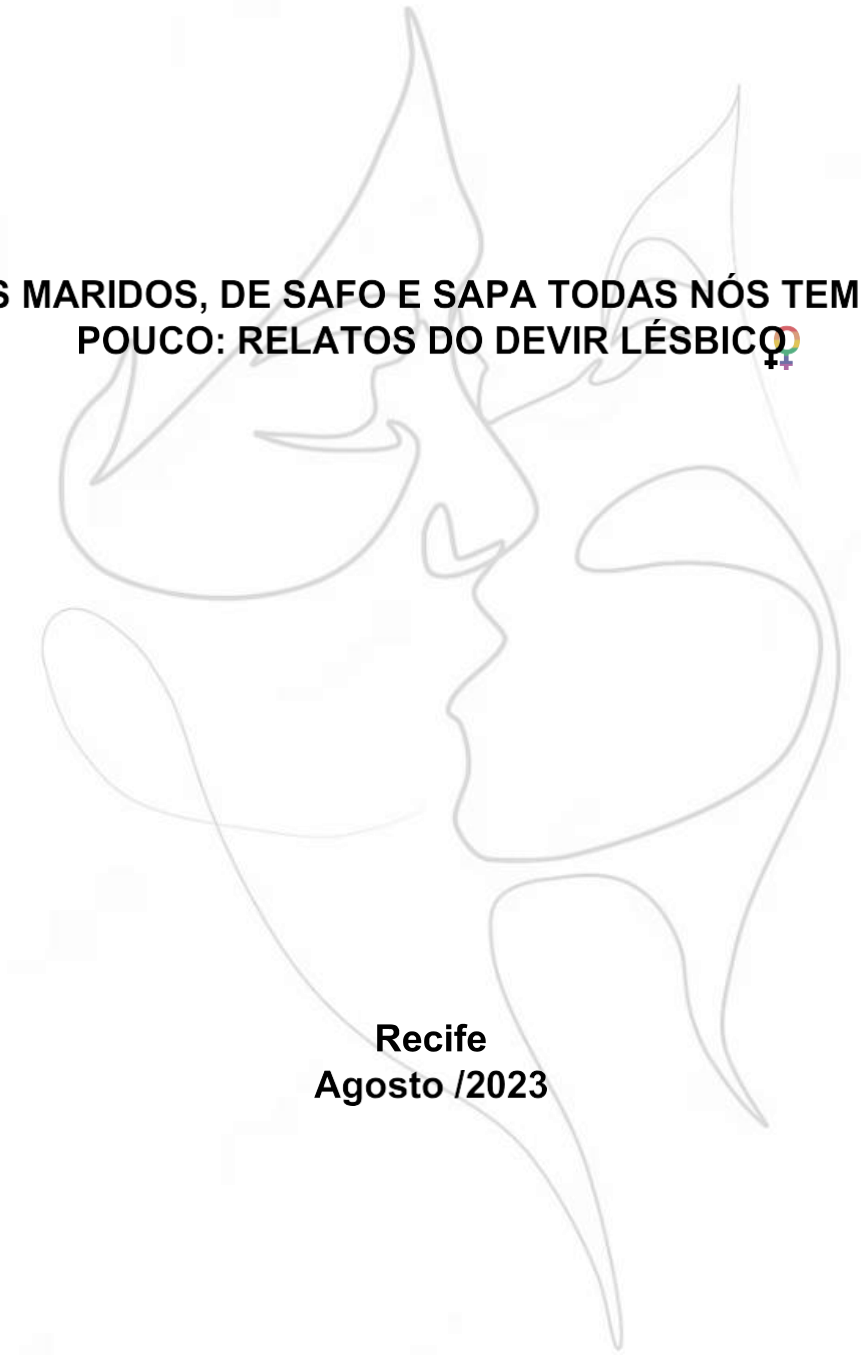
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA – DOUTORADO

ROSANGELA DE ARAUJO LIMA

ADEUS MARIDOS, DE SAFO E SAPA TODAS NÓS TEMOS UM POUCO: RELATOS DO DEVIR LÉSBICO♀



Recife
Agosto /2023

ROSANGELA DE ARAUJO LIMA

ADEUS MARIDOS, DE SAFO E SAPA TODAS NÓS TEMOS UM POUCO: RELATOS DO DEVIR LÉSBICO

Tese de Doutorado apresentada às membras da banca examinadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, vinculado à Linha de Pesquisa Práticas Psicológicas Clínicas e Demandas Contemporâneas, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica.

Orientação da Profa. Dra. Ana Lúcia Francisco

Recife
Agosto /2023

Adeus maridos, de safo e sapa todas nós temos temos um pouco: relatos do devir lésbico. © 2023 by Rosangela de Araujo Lima is licensed under CC BY-NC-ND 4.0. To view a copy of this license, visit https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

L732a Lima, Rosangela de Araujo
Adeus maridos, de safo e sapa todas nós temos
temos um pouco: relatos do devir lésbico / Rosangela
de Araujo Lima, 2023.
268 f.: il.
Orientadora: Ana Lúcia Francisco
Tese (Doutorado) – Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia
Clínica. Doutorado em Psicologia Clínica, 2023.

1. Lesbianismo. 2. Teoria feminista. 3. Sexo (Psicologia).
4. Identidade sexual. I. Título.

CDU 159.922.1

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Rosangela de Araujo Lima Orientadora:
Profa. Dra. Ana Lúcia Francisco

Título: Adeus Maridos, De Safo e Sapa Todas Nós Temos Um Pouco: Relatos do Devir Lésbico

Tese de Doutorado defendida no dia 29/agosto/2023, tendo sido _____.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Francisco
Presidente da Banca

Prof.ª Dr.ª Marisa Sampaio (Membra Interna/ PPGPSI)

Prof.ª Dr.ª Maria Consuelo Passos (Membra Interna/ PPGPSI)

Documento assinado digitalmente
gov.br
MARIA EULINA PESSOA DE CARVALHO
Data: 09/10/2023 10:41:03-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.ª Dr.ª Maria Eulina Pessoa de Carvalho (Membra Externa/ Universidade Federal da Paraíba-UFPB)

Documento assinado digitalmente
gov.br
ADRIANO AZEVEDO GOMES DE LEON
Data: 16/10/2023 16:36:03-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Adriano Gomes de Leon

(Membro Externo/ Universidade Federal da Paraíba-UFPB)

Recife Agosto /2023

Aos meus três filhos, Humberto, Raoni e Rafael, de longe,
O melhor que fiz nesta vida;

Dedico!

Porque a medida do amor é amar sem medida!
(Santo Agostinho)

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, a Trindade Cristã, os amores da minha vida. Graças pela fé que queima no meu peito. Obrigada, de coração, pela vida maravilhosa que me dão! Obrigada por minha família linda. Obrigada por tanto amor!

A Nossa Senhora de Fátima, pelos inúmeros milagres que faz na minha vida. Muito obrigada, de coração!

À minha preciosa orientadora, Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Francisco, pela acolhida, pela parceria, mas e sobretudo pela competência ímpar em conduzir esse trabalho, Gratidão;

Aos meus filhos Betinho (Humberto), Rao (Raoni) e Rafa (Rafael) as cordas do meu coração, meus amores da minha vida inteira, que generosa e graciosamente financiaram este projeto. Amo Vocês;

Às minhas três netas, Maria, Helena e Judite e ao meu netinho adorado, Raoni Filho, o Raozinho. Obrigada por esse amor exagerado que vocês me deixam sentir, viver e pela recíproca ser tão verdadeira! Meus amores, Vovó ama vocês quatro, de janeiro a janeiro, até o mundo acabar;

Às minhas duas noras, Emanoelly (Manu) e Juliane (Juli) pelo carinho, pela consideração, pelo acolhimento gracioso e, muito respeitoso, ao fato de terem uma sogra lésbica;

Ao meu primo e irmão do coração, Laureano (Neno), pelo carinho, pelas vezes que foi pegar documentos e livros para mim na UNICAP e mandar para João Pessoa, pela cumplicidade, que só nós dois sabemos o grau; te amo mais que muito;

Agradeço especialmente às Prof.ª Drª Marisa Sampaio e Prof.ª Drª Consuelo Passos, por terem aceitado vir contribuir com a avaliação desta tese, assim como os preciosos ensinamentos por ambas ministrados na Disciplina de Tese 3;

Agradeço imensamente ao Prof. Dr. Adriano de Leon, pela disposição em vir das suas preciosas contribuições a esse trabalho;

Agradeço à Prof.ª Drª Maria Eulina Pessoa de Carvalho por aceitar em vir somar na banca de defesa, e por seus ensinamentos desde quando foi minha orientadora de Mestrado; todo meu carinho, gratidão e admiração;

A professora Drª Conceição Nogueira da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto- FPCEUP- por todos os conhecimentos partilhados quando da minha estada no Porto, assim como pelos jantares, pelas conversas, por seu coração tão lindo e acolhedor e, principalmente, por sua inteligência, competência e bagagem acadêmica inigualável; és um ser humano iluminado;

A Prof.ª Drª Liliana Rodrigues da FPCEUP, por todas as risadas para além da partilha de seu conhecimento, por sua imensa capacidade intelectual;

À Universidade do Porto que me acolheu no Doutorado Sanduíche em Sexualidade Humana; especialmente a FPCEUP; e à Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP- que tornou minha ida possível;

Às minhas amigas de Doutorado Lu (Luciana) e Poly (Polyana) e ao meu amigo Lennon, pelas escutas, papos, parcerias, confidências e segredos, mas sobretudo pelo apoio incondicional;

Às colegas Nathalia, Mari, Lilian, Dalva, Ana Patrícia, André, Pedro, Edélvio, Guaíra, Michele, Kissia, Rodrigo, Túlio, pela companhia agradável, saberes plurais e parceria produtiva;

E, antes de mais nada, as sete colaboradoras dessa pesquisa, vocês, assim como eu, são sobreviventes da heterossexualidade compulsória. Meu respeito, minha gratidão, meu carinho e admiração.

Agradeço, ainda, e muito especialmente, à minha analista Ivone Vita, que segue comigo iluminando os porões de minha alma, e me dá subsídios para eu me reinventar como pessoa e como mulher; Ivone querida, eu te devo tanto nesses cinco anos de processo psicanalítico. Obrigada, de coração, por toda essa companhia no desvelar de mim mesma, te amo, é claro! O processo transferencial funcionou muito bem!

Singularmente, agradeço a quem fez de tudo para que eu não conseguisse chegar até aqui. Todas as tentativas de sabotagem, interdição e embargo desse trabalho, assim como sofismas de que eu não conseguiria, foram de longe a força motriz que me impulsionou a, compulsiva e disciplinadamente, me dedicar à escrita desta tese. Lamento informar, *Mas Creia Literalmente Deus Abençoou Amorosamente* a mim e você fracassou no intento traçado!

A todas as pessoas que direta ou indiretamente me auxiliaram na consecução desse projeto;

Ao UNIVERSO que tem sido de uma generosidade extrema para comigo. GRATIDÃO sempre!

Um salve pras mulheres narigudas
Pras magras, pras barrigudas
Pras rainhas da nossa nação
Eu amo as depiladas e as peludas

As carecas, cabeludas
Meu grito é pela união
Um cheiro pras devotas, pras miúdas
Pras hereges, pras peitudas
Todas moram aqui no meu coração
Eu canto pras solteiras, pras casadas
Pras virgens, pras taradas
Pra vocês é que eu compus essa canção
Mulheres, mulheres
De tantas formas, tantas cores, tantas peles
Divinas, amadas
Quero acordar num mundo em que seremos todas respeitadas
Reverencio as artistas, produtoras e, claro, compositoras
Delas nasce a minha inspiração
Também, das mães e das donas de casa
Liberdade é ter asa pra voar em qualquer direção
Joyces, Anas, Zélias e Teresas
Saibam que as suas grandezas inspiraram minha geração
Cristinas, Julianas e Marias
Creiam, pois as suas filhas, com certeza lhes orgulharão
Mulheres, mulheres
De tantas formas, tantas cores, tantas peles
Divinas, amadas
Quero acordar num mundo em que seremos todas respeitadas
Quero acordar num mundo em que seremos todas, todas, todas
Pretas, brancas, crespas, loiras
Cis ou trans, nossas irmãs, amarelas, todas elas
Respeitadas
Respeitadas

Salve Todas
Antonia Medeiros

RESUMO

Este trabalho de tese objetiva compreender em que medida mulheres lésbicas rompem com a heteronormatividade. Ancoro-me, numa bricolagem teórica, tendo como fontes primárias os escritos de Michel Foucault (1993a;1993b;1999;2011;2019a;2019b;2019c;2019d;2020) e de Judith Butler

(2017;2019;2020;2021) sobre a temática da sexualidade humana como constructo linguístico da medicina do século XIX, assim como a discussão sobre o sistema sexo/gênero que, por intermédio de atos performáticos, se constituem, ambos, como uma construção social. Evidentemente que a Teoria Feminista Contemporânea subsidia a discussão aqui impetrada. Escolho uma Metodologia que faz uso de uma pesquisa qualitativa, descritiva, de cunho etnográfico, com uso dos seguintes instrumentos: Entrevistas semiestruturadas e Diário de Campo; o trabalho foi realizado com sete colaboradoras que tiveram um casamento heterossexual, são mães e hoje vivenciam uma prática afetivo/sexual homoerótica. Utilizo a Análise Temática, que é apontada como um método analítico amplamente utilizado na área da Psicologia, idealizado por Virginia Braun e Victoria Clarke (2006) para apreciação e análise dos resultados obtidos, os quais revelam sete temas principais: Dificuldades do devir lésbico; valores alinhados à heteronormatividade como elogiar o ex-marido por um bom provedor e por não ter sido adúltero e/ou violento; o interesse por mulheres ser da ordem da contingência e do acaso; o sexo lésbico ser mais prazeroso que o hétero; interesse latente por mulheres antes do casamento heterossexual; ideação suicida e busca de ajuda psicológica ao passar para uma vivência lésbica. É, pois, possível afirmar que, em parte, as mulheres envolvidas na empiria romperam sim com a heteronormatividade. Considero que dada a invisibilidade lésbica, essa tese promove uma discussão que está posta: A temática da existência de mulheres que saíram do “conforto” de seus casamentos héteros e adotaram a condição de “lésbicas”, assim como de se assumirem para sua prole. Avalio, contudo, que ainda se encontram atreladas a discursos hegemônicos sobre sexualidade humana, papéis de gênero e casamento heterossexual.

Palavras-chave: Lésbicas; Sexo/Gênero; Teoria Feminista Contemporânea; Heteronormativade.

ABSTRACT

This thesis work aims to understand to what extent lesbian women break with heteronormativity. I anchor myself, in a theoretical bricolage, having as primary

sources the writings of Michel Foucault (1993a;1993b;1999;2011;2019ª;2019b;2019c;2019d;2020) and Judith Butler (2017;2019;2020;2021) on the theme of human sexuality as a linguistic construct of 19th century medicine, as well as the discussion on the sex/gender system which, through performative acts, both constitute a social construction. Evidently, the Contemporary Feminist Theory subsidizes the discussion filed here. I choose a methodology that makes use of a qualitative, descriptive, ethnographic research, using the following instruments: semi-structured interviews and field diary; the work was carried out with seven collaborators who had a heterosexual marriage, are mothers and today experience a homoerotic affective/sexual practice. I use Thematic Analysis, which is seen as an analytical method widely used in the field of Psychology, idealized by Virginia Braun and Victoria Clarke (2006) for appreciation and analysis of the results obtained, which reveal seven main themes: Difficulties of becoming a lesbian; values aligned with heteronormativity, such as praising the ex-husband as a good provider and for not having been adulterous and/or violent; the interest in women is of the order of contingency and chance; lesbian sex being more pleasurable than straight; latent interest in women before heterosexual marriage; suicidal ideation and search for psychological help when moving on to a lesbian experience. It is therefore possible to state that, in part, the women involved in empiricism did indeed break with heteronormativity. I believe that given the lesbian invisibility, this thesis promotes a discussion that is set: The theme of the existence of women who left the “comfort” of their straight marriages and adopted the condition of “lesbians”, as well as coming out to their offspring. I assess, however, that they are still linked to hegemonic discourses on human sexuality, gender roles and heterosexual marriage.

Keywords: Lesbians; Sex/Gender; Contemporary Feminist Theory; Heteronormative.

RESUMEN

Este trabajo de tesis tiene como objetivo comprender en qué medida las mujeres lesbianas rompen con la heteronormatividad. Me anclaré, en un bricolaje teórico, teniendo como fuentes primarias los escritos de Michel Foucault (1993a;1993b;1999;2011;2019ª;2019b;2019c;2019d;2020) y Judith Butler (2017;2019;2020;2021) sobre el tema de la sexualidad humana como construcción lingüística de la medicina del siglo XIX, así como la discusión sobre el sistema

sexo/género que, a través de actos performativos, ambos constituyen una construcción social. Evidentemente, la Teoría Feminista Contemporánea subsidia la discusión aquí presentada. Elijo una metodología que hace uso de una investigación cualitativa, descriptiva, etnográfica, utilizando los siguientes instrumentos: entrevista semiestructurada y diario de campo; el trabajo se realizó con siete colaboradoras que tuvieron un matrimonio heterosexual, son madres y hoy viven una práctica afectivo/sexual homoerótica. Utilizo el Análisis Temático, que es visto como un método analítico ampliamente utilizado en el campo de la Psicología, idealizado por Virginia Braun y Victoria Clarke (2006) para la apreciación y análisis de los resultados obtenidos, los cuales revelan siete temas principales: Dificultades de convertirse en lesbiana ; valores alineados con la heteronormatividad, como elogiar al ex marido como buen proveedor y por no haber sido adúltero y/o violento; el interés por las mujeres es del orden de la contingencia y el azar; el sexo lésbico es más placentero que el heterosexual; interés latente por las mujeres antes del matrimonio heterosexual; ideación suicida y búsqueda de ayuda psicológica al pasar a una experiencia lésbica. Por tanto, es posible afirmar que, en parte, las mujeres involucradas en el empirismo sí rompieron con la heteronormatividad. Considero que ante la invisibilidad lésbica, esta tesis promueve una discusión que se plantea: El tema de la existencia de mujeres que abandonaron la “comodidad” de sus matrimonios heterosexuales y adoptaron la condición de “lesbianas”, así como salir del armario a su descendencia. Valoro, sin embargo, que aún están vinculados a los discursos hegemónicos sobre la sexualidad humana, los roles de género y el matrimonio heterosexual.

Palabras clave: lesbianas; Sexo/Género; Teoría Feminista Contemporánea; Heteronormativo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Guerreiro grego lutando contra uma amazona.....68
Figura 2. Protesto no Ferro’s Bar.....95
Figura 3. Ocupação do Ferro’s Bar.....96

Figura 4. Índice de feminidade da pobreza em domicílios pobres, em torno de 2019.....225

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Demonstrativo de Dissertações e Teses- CAPES.....27
Quadro 2-Caracterização Socioeconômica das Colaboradoras.....53
Quadro 3- Síntese da Análise Temática..... 240

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....16
INTRODUÇÃO.....20
Estado da Arte.....25
CAPÍTULO 1. PARA INÍCIO DE CONVERSA: NOTAS SOBRE EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA FEMINISTA.....31

1.1 O Movimento Feminista- Sua Gênese e a Produção do Conhecimento.....36
1.2. Aportes Metodológicos.....43
1.3 O Uso do Conceito de Gênero como Categoria de Análise.....47
1.4. A Análise Temática como instrumento metodológico.....50
1.5. Quem são essas Mulheres? 52
CAPÍTULO 2. DE SAFO ÀS ÇACOAIMBEGUIRAS- A PRESENÇA LÉSBICA NA HISTÓRIA HUMANA.....62
2.1. Safo de Mitilene- Poesia Queimada, mas não esquecida.....64
2.2. Das Amazonas às Sexualidades Não-Normativas.....67
2.3. As Çacoaímbeguiras e a presença lésbica na história humana.....73
2.4. Lésbicas no século XX.....84
2.5. Casamento de Boston e outros afetos.....87
2.6. 1975- O Ano internacional da Mulher- Guarda-chuva para quem estava na clandestinidade.....89
2.7. A Pequena Stonewall Brasileira.....92
CAPÍTULO 3. O DISCURSO MÉDICO SOBRE SEXUALIDADE HUMANA DO SÉCULO XIX: MAS, AFINAL, O QUE É MESMO SEXO? 99
3.1. De Pecadoras e criminosas a uma tipologia humana específica.....99
3.2. O que é o mesmo sexo? 105
3.3. O Movimento Feminista e a Teoria Queer.....108
CAPÍTULO 4. ADEUS MARIDOS: DO CASAMENTO HETERO A UMA VIVÊNCIA LÉSBICA.....115
4.1. Olympia- E a luta pelos direitos de ficar com os filhos.....115
4.1.1. A Fuga.....124
4.1.2. Maternidade e devir lésbico.....134
4.2. Rosa- E a Síndrome da Alienação Parental.....134
4.2.1. Vida silenciada e filho retido.....138
4.2.2. Saindo do Armário em Rede Nacional.....148

4.3. Nise e a certeza do desejo por mulher desde sempre.....155
4.4. Bertha e o paraíso perdido.....176
4.4.1. Assédio no trabalho.....185
4.5. Marie e a necessidade de ser ouvida.....189
4.5.1. A vida sexual no casamento hétero.....192
4.5.2. As comadres se encontram na solidão de seus casamentos.....196
4.6. Dandara e uma gravidez singular.....218
4.6.1. Lesbofobia no espaço laboral: Uma constante no devir lésbico.....228
4.7. Penha e o desejo erótico-sexual da ordem da contingência e do acaso.....231
4.8. Relatório da Análise Temática.....237
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....243
REFERÊNCIAS.....248
APÊNDICES.....260

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo de minha vida acadêmica, tenho enveredado por díspares e estranhos caminhos, aparentemente dissonantes se vistos sob uma ótica linear. Já possuindo um Doutorado, sou constantemente questionada porque resolvi fazer um segundo.

Necessário é, então, relatar um pouco sobre minha trajetória acadêmica e profissional para que possa me situar adequadamente nesse discurso.

Aos dezoito anos, ingressei na Graduação em Odontologia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, curso que não optei, mas que foi escolhido para mim no nicho de uma família que considerava a existência de cursos nobres[1]. Na época, eu desejava ardentemente fazer vestibular para História, mas isso era algo absolutamente impensável, pois eu iria ser, tão somente, "uma professora". Fiz o vestibular e, como eu era uma aluna dedicada, foi-me dito que minha aprovação era dada como certa, restava eu ser aprovada entre os dez primeiros lugares, então eu passei em quarto lugar. Cursei Odontologia e odiei com todas as forças de meu coração aquela graduação, pois exigia de mim qualidades e atributos que definitivamente eu não possuía, tais como: paciência, habilidade manual fina, senso estético de uma artista, detalhismo, trabalho minucioso e um/a[2] paciente que sempre se imaginava calado/a e que não poderia conversar comigo.

Exerci a Odontologia por uns 20 anos e sempre procurava uma forma de escapar dela... Nesse ínterim, fiz algumas Especializações[3] com o intuito de exercer outra profissão quando, no ano de 1996, fiz uma Especialização em Sexualidade Humana pela UFPB, que marcou o início de uma virada na minha vida acadêmica, profissional e pessoal. Ao ler autores como Foucault, Freud, Reich, Jurandir Freire Costa, com quem, inclusive, fiz um curso intensivo de uma semana, percebi que a Graduação em História era para a mocinha de 17/18 anos, mas Psicologia era a graduação da mulher de 36 anos. Decidi, então, fazer um novo vestibular na UFPB.

Preparei-me por três meses num cursinho noturno (eu trabalhava em quatro empregos durante o dia), fiz vestibular e fui aprovada em 9º lugar para Psicologia (ainda entre os dez primeiros lugares!!!), o que significou muito para mim, pois me senti fortalecida intelectualmente. Iniciei minha graduação no ano de 1999, as aulas eram diurnas (então, tive que remanejar horários dos trabalhos para a noite e dia de

[1] Na compreensão de minha mãe, existiam cursos nobres: Medicina, Direito, Engenharia, Odontologia, sendo cursos pobres todos os demais. Em 1978, aos 17 anos, quando me preparava para o vestibular me vi compelida a escolher um dentre os tais cursos nobres.

[2] A escrita no masculino genérico, assim como o discurso oral, é uma afronta machista, misógina e sexista em relação a metade da humanidade que não é homem! Não escrever no masculino genérico deve ser uma prática de toda e qualquer mulher, independentemente de ser ou não feminista. Considero a fala e escrita no masculino genérico uma violência simbólica expressiva! Sempre vou usar a flexão de gênero e/ou, @ ou o X para não praticar esse tipo de violência contra mim mesma e metade da humanidade, que precisa ser vista, e não apenas percebida como uma costela de Adão.

[3] Especialização em Saúde Pública, 1993; em Metodologia do Ensino Superior 1996; em Estratégia Empresarial, 1996.

sábado) eu estudava numa turma que a faixa etária girava para menos de 20 anos. Encontrei-me com aquelas/es jovens colegas, eu falava a linguagem del@s[4].

Em 2000, fiz seleção para o Mestrado em Educação[5] da UFPB. Fui aprovada e cursei graduação e mestrado concomitantemente, além de ter 4 empregos, 3 como dentista e um como Sanitarista[6]. Foi um tempo difícil e gratificante, simultaneamente. No Mestrado em Educação, minha Linha de Pesquisa era Educação e Movimentos Sociais e eu trabalhava com o Movimento Feminista e Educação Não-Formal. Entrei no programa com um projeto e um orientador. Em seis meses de curso, mudei de projeto e de orientação. Fui acolhida por uma professora que trabalhava com gênero e o movimento feminista. Com isso, escrevi uma dissertação pioneira sobre a Teoria Queer, com arcabouço teórico ancorado em Michel Foucault, sobretudo, fiz uso da trilogia História da Sexualidade, assim como textos de Judith Butler, que não haviam sido lançados ainda, tal como Problemas de Gênero[7] no Brasil.

No período, também tive a sorte de fazer um curso[8] sobre feminismo pós-estruturalista com a Prof.ª Simone Schmidt, docente da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, durante duas semanas, curso que foi decisivo para minha apropriação teórica do feminismo pós-estruturalista (3ª onda), em particular, e do movimento como um todo. A partir dele, mandei um trabalho para o Fazendo Gênero de 2002, e no evento, que acontece na UFSC[9], tive a sorte de ter a Prof.ª Guarcira Lopes Louro no Simpósio Temático em que apresentei meu trabalho. Suas considerações, *feedback* e elogios, acrescentaram muito. Ademais, tive a oportunidade de ouvir feministas acadêmicas de peso, como as professoras Cláudia de Lima Costa, Margareth Rago, Tania Navarro-Swain, Heleieth Saffioti, além de acadêmicas internacionais como Elaine Showalter, expoente da crítica feminista.

[4] O Uso do @ ou do X facilita a flexão de gênero, sem cansar quem está lendo.
[5] Desde então, eu tinha vontade de fazer Mestrado em Psicologia Social pela UFPB, mas esse programa é totalmente positivista, tem, inclusive, uma prova de estatística na sua seleção, então se tornou inviável para mim. Muita gente da Psicologia que trabalha com pesquisa qualitativa cursa o mestrado em Educação ou em Sociologia, dado o "engessamento" do programa de Psicologia Social da UFPB.
[6] A Especialização em Saúde Pública me possibilitou a formação específica para a atuação na área da Saúde Coletiva, assim como me fornece o título e a profissão de Sanitarista.
[7] Defendi minha dissertação em agosto de 2003, e Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade, muito embora lançado nos EUA em 1990, só teve sua primeira edição brasileira em 2003, ano que defendi minha dissertação.
[8] O curso foi oferecido pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UFPB- PPGL- o qual tem um núcleo de estudos de Gênero e Feminismo. Eu, sendo mestranda em Educação, consegui uma vaga.
[9] A UFSC tem um núcleo de estudos de Gênero e Feminista do Brasil que se destaca nacional e internacionalmente. O Fazendo Gênero é um evento de porte internacional muito significativo, e reúne acadêmicas de boa parte do mundo.

Continuei participando e publicando nas versões do Fazendo Gênero de 2006; 2008; 2010 e 2013.

O contato com esse grupo de feministas acadêmicas, não só da UFSC, mas sobretudo dela, alargaram a compreensão do que se denomina de Movimento Feminista Contemporâneo. Minha dissertação foi sobre o homoerotismo feminino, e suas interfaces com as práticas educativas não-formais do movimento feminista. Na minha banca de defesa, tive a honra de poder contar com a presença do Prof. Leôncio Camino, nome internacional da Psicologia Social, e expressivo pesquisador e estudioso da Sexualidade Humana, que gostou, sobremaneira, de meu trabalho, o que forneceu subsídios de que eu estava indo bem.

Isso posto, em 2006 fui aprovada para o Doutorado em Sociologia pela mesma UFPB e mudei de tema, ao adentrar nos estudos sobre a Morte e os Cuidados Paliativos, tema que me instigava e seduzia, concluindo meu doutorado em 2009. Certamente que pouquíssimas pessoas mudam radicalmente de temática do mestrado para o doutorado, mas por razões pessoais[10], eu me sentia totalmente fascinada pela tanatologia, então, me submeti à seleção de programa de Pós-graduação *strictu sensu* em Sociologia da UFPB; e, mesmo sem ser socióloga, consegui ser aprovada em terceiro lugar, em uma seleção que tinha mais de cem pessoas escritas, gente de várias áreas do Brasil. Fiz minha pesquisa no Hospital Napoleão Laureano na cidade de João Pessoa/PB, destinado ao tratamento da doença.

Todavia, meus estudos sobre Feminismo, Gênero e Sexualidade Humana faziam falta. Exerci a Docência Superior por vinte anos, quando em 2015 fui diagnosticada com um câncer de mama, estágio[11] 2. Realizei todos os procedimentos terapêuticos e consegui me aposentar como docente do ensino superior, dado uma sequela do tratamento cirúrgico que causa uma limitação no meu braço direito e sou destra.

Permaneço atuando como professora visitante orientadora e ministrante de disciplinas em programas de Pós-Graduação em Educação e Psicologia, como também orientando trabalhos acadêmicos. Percebi, então, que era o momento de

[10] Em cinco meses, perdi minha mãe e minha única irmã. Anos após, perdi meu pai. Ficamos eu e um irmão, que faleceu em 2015.

[11] O Câncer é medido por estágios, ou estadiamento, que vai de zero a 4. Um câncer de mama estágio 2, é um nível intermediário, todavia, o que se denomina “Câncer de mama” tem uma extensa taxionomia, de modo que um estadiamento 2 deve ser compreendido num leque maior, como tipo do tumor (Imuno-histoquímica), metástase axilar, dentre outras variáveis significativas. Em meu caso específico, o diagnóstico veio acompanhado de um prognóstico sombrio.

investir mais na minha formação em Psicologia e resolvi cursar não um Pós-Doc[12], mas um segundo doutorado e aperfeiçoar meus conhecimentos em uma área tão cara para mim, pois queria cursar disciplinas, conviver com professoras e discentes do mundo PSI, escrever uma tese, defendê-la perante uma banca examinadora, adentrar profundamente numa pós-graduação *strictu sensu* em Psicologia, algo que um Pós-Doc não me daria, pelo menos não sob minha ótica.

A temática, evidentemente, é a da Sexualidade Humana, Gênero, Estudos Feministas, o discurso sobre homoerotismo feminino, vivência e visibilidade lésbica, tentativa de rompimento com a heteronormatividade, dado dois motivos essenciais para mim. No âmbito geral, a pouca visibilidade lésbica e a compreensão de heterossexualidade como "destino". No âmbito específico, tornar a experiência das mulheres aqui pesquisadas, assim como um pouco da minha, lugar de denúncia de opressão, preconceito, discriminação, os quais resultam em sofrimento psíquico pelo segmento, como também de desmistificação do que é a vivência lésbica e, porque não dizer, de memorial a não só a história das mulheres envolvidas na empiria, mas de todas aquelas que, uma vez apaixonadas, se viram compelidas a pensar fora da caixa e experienciar o amor que não se ousa dizer o nome.

Esta tese é, antes de tudo, um ato político e de representatividade, pois acredito que dar visibilidade a um assunto que supostamente deveria ficar no âmbito do mundo privado, ou seja, no anonimato, foca a questão que está por trás, que é o imperativo social de tornar público um aspecto da vida privada, com o intuito de defender justamente o direito de exercer, de uma maneira visível, atos da esfera íntima. Esse é um trabalho, sobretudo, político! E eu o escrevo de um ponto de vista, portanto é recomendável que quem o venha a ler, não o faça com olhos "cimentados de certezas prévias".

INTRODUÇÃO

Desde que mundo é mundo, mulheres se relacionam amorosamente/sexualmente entre si. Ao procederem assim, não interferem na vida de ninguém, não agridem ninguém nem fazem mal a quem quer que seja, todavia, historicamente, na cultura

[12] Fiz meu Pós-Doutorado em Psicologia, concomitantemente a um doutorado-sanduiche em Sexualidade Humana na Universidade do Porto/Portugal, entre os anos 2021/2022.

ocidental ou ocidentalizada, o sexo e amor entre mulheres é negado, perseguido, discriminado, patologizado e invisibilizado por razões que serão expostas, discutidas e analisadas ao longo desse texto (Stéphanie[13] Arc,2009; Ángela Lorenzo,2003; Carolina Pontes, 2019; Tania Navarro-Swain, 2000, 2004; Colin Spencer, 1999).

Falar de Lesbianismo[14] implica, necessariamente, falar de feminismo, resistência e luta das mulheres nas suas mais diversas configurações sociais, posto que o obscurecimento feminino, seu "apagamento" da história oficial, é acentuado e solidificado quando se trata de dar visibilidade ao comportamento lésbico. Esquecidas, banidas dos relatos oficiais (ou oficiosos) dos homens brancos e héteros que escreveram a história do ocidente, mulheres em geral e mulheres lésbicas em particular, lutam para que uma "nova história", seja (re)contada e(re) escrita, uma história em que as mesmas estejam incluídas e se façam presentes ou, nas palavras de Joan Scott (1989, p.93) em seu ontológico texto – Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica, quando afirma: "ao se escrever uma história das mulheres, é preciso fazer uma nova história".

Nesse sentido, a Antropologia Feminista é de significativa valia, pois ao investigar outras culturas deixa claro como não só a sexualidade humana, mas sobretudo as práticas homoeróticas[15], tanto masculinas quanto femininas, que se fizeram presentes e não apenas isto, mas foram aceitas e respeitadas, o que denuncia e delimita, marcadamente, a característica sociocultural que possuem. A história vem juntar-se, no sentido de (re) escrever e (re) contar a presença e existência das mulheres lésbicas ao longo dos anos, séculos e milênios de história humana.

Esta tese é produzida no campo teórico da Psicologia, o que é extremamente oportuno em razão da patologicidade e da psicologicidade que figuram como fatores relacionados às práticas homoeróticas desde a Medicina, a Psiquiatria, e a

[13] Minha escrita é feminista e, nesta, demarcar o gênero de quem se cita é fundamental para assinalar a produção acadêmica feminina, de modo que o prenome estará associado ao nome.

[14] Lesbianismo é utilizado, neste trabalho, não alinhado ao "homossexual**ismo**", mas sim ao Feminismo como prática de resistência e como forma de expressão. Alinho meu pensamento ao de diversas autoras a exemplo de Tânia Navarro Swain (2000).

[15] Homoerotismo, termo cunhado por Jurandir Freire Costa (1995, p. 22), quando afere três razões principais para o seu uso: inicialmente por desconstruir um essencialismo, patologicidade e desvio que marcam linguisticamente o tradicional "homossexual" e possibilitar uma flexibilização desta prática sexual, sem prender-se necessariamente ao etnocentrismo ocidental "construtor" da "homossexualidade"; em seguida, porque nega a ideia de uma tipologia psicológica comum a todas as pessoas com tendências homoeróticas; e, por último, "porque o termo não possui a forma substantiva que indica identidade, como no caso do 'homossexualidade" de onde derivou o substantivo 'homossexual'".

Psicologia oitocentista, as quais tomam como tipologia humana específica as pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com outras de seu próprio gênero[16].

As ciências humanas não são estanques nem se acham enclausuradas em uma "caixa cartesiana", anômalas às demais. Muito pelo contrário, a Psicologia, a Psicologia Social, a Psicanálise, a Sociologia, a Antropologia e a História estão relacionadas, interconectam-se no sentido de contribuir com a formação, explicação e compreensão do ser humano. Neste trabalho, muito embora autoras e autores da Psicologia sejam as referências primárias e estruturais da teia argumentativa aqui utilizada, cientistas das áreas do conhecimento supracitadas, assim como da Medicina, serão adicionad@s à discussão para fornecer uma compreensão ampliada do fenômeno aqui discutido, qual seja a existência de mulheres lésbicas e sua presença nos mais diversos períodos históricos e nos mais variados lócus sociais.

Isso posto, afianço que falar da sexualidade humana é mergulhar nas certezas construídas e constituídas pela racionalidade instrumental da modernidade que concebe o indivíduo como possuidor de um núcleo adquirido ao nascer, e que permanece ao longo de sua existência, essencialmente o mesmo, constituindo-se das capacidades da razão. Este é um indivíduo unificado interiormente e ao núcleo racional, permanente e estável, denomina-se identidade. Cada indivíduo apresenta-a de forma constante, estável e fixa por toda a sua vida. É soberano no seu pensamento, consciente e situa-se no centro do conhecimento, o que conduz à máxima de René Descartes: "Penso, logo existo", citado por Stuart Hall (2002, p. 27). Daí ser chamado de sujeito cartesiano.

A Medicina do século XIX irá advogar e postular a existência de uma tipologia humana específica, a partir das práticas sexuais que os seres humanos exibem. Michel Foucault (1993) questiona não só essa tipologia psicológica específica sobre práticas sexuais não normativas, como denúncia acerca de toda teia discursiva empreendida pelo "discurso científico" da medicina oitocentista, no sentido de patologizar práticas sexuais que não se alinham à heterossexualidade monogâmica e matrimonial, assim como discute e problematiza a noção de "identidade", aos

[16] Por que não uso o termo "sexo"? Por considerar que o sexo biológico necessariamente não define o ser mulher, posto que uma mulher trans que se relacione com uma mulher cis, estará necessariamente vivenciando uma relação lésbica.

moldes cartesianos, sobretudo no tocante às práticas sexuais. Esses constructos serão, exaustivamente, apresentados discutidos ao longo desse texto.

Procuro escrever esse trabalho da forma mais didática possível de modo que não se restrinja e seja inteligível tão somente para um grupo seleto de pessoas da academia, sobretudo da Psicologia, pelo contrário, sem fugir ao rigor acadêmico, da norma culta e da escrita científica. Pretendo que essa tese seja compreensível para o maior número de pessoas que for possível, desejando que se apropriem dos conteúdos e da argumentação aqui defendidos. Desse modo, existirão muitas notas de referências explicativas no sentido de facilitar o entendimento e a compreensão de quem se interessar em lê-la, independentemente que seja da Psicologia, das Ciências Humanas e Sociais, ou da Medicina. Como dito, este é um trabalho, sobretudo, político!

A pergunta de pesquisa que orienta este trabalho é: Em que medida mulheres lésbicas, em um casamento heterossexual e com filhos, rompem com a heteronormatividade? Essa é a questão disparadora, todavia, utilizo como tópicos sinalizadores algumas outras questões que seriam "auxiliares" para a compreensão do universo estudado, tais como:

- Quais constructos performáticos mulheres lésbicas que tiveram uma vivência heterossexual, vivenciam a partir de suas variadas sociabilidades?
- Como se veem, a si próprias, como companheiras e amantes?
- De que modo se deu o processo de sair de um casamento heterossexual, normativo e vivenciar uma prática lésbica?
- Qual a relação com a prole ao experienciar uma "mãe lésbica" e da sociedade como um todo, isto seria algo a ser destacado? Ou é de menor importância?
- Como mulheres lésbicas, que tiveram um casamento heterossexual e têm filhos, vivenciam sua sexualidade e seu erotismo em relações homossexuais?
- Como percebem o mundo e a si mesmas enquanto "lésbicas[17]"?

[17] Lésbicas aqui compreendidas como prática sexual não- normativa, de modo algum como "identidade sexual"!

Para dar conta dessas questões, pretende-se, como objetivo geral, compreender em que medida mulheres lésbicas rompem com a heteronormatividade. E como objetivos específicos:

- Historicizar o conceito de Sexualidade Humana e Gênero relacionando com o lesbianismo;
- Mapear a luta histórica de mulheres de vivência lésbica por visibilidade social;
- Escutar a vivência de mulheres lésbicas sobre sexualidade, sua sociabilidade e de seu erotismo;
- Analisar o percurso histórico das mulheres estudadas sobre suas saídas de um casamento hétero para a vivência de uma sexualidade não-normativa.

Para responder à pergunta de pesquisa (e demais questões auxiliares) e alcançar os objetivos ora propostos, recorri a uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, com uso de entrevistas semiestruturadas aliadas com a escrita de Diário de Campo, em que procuro descrever minhas emoções, sentimentos, percepções sobre o processo não só de coleta dos dados, mas de análise dos mesmos e posterior produção textual.

No capítulo 1, trato da Epistemologia e da Metodologia Feminista, seus pressupostos teóricos, sobretudo no que diz respeito à constituição do sujeito moderno e seus vários descentramentos, os quais se refletem na forma como se produz conhecimento, e com inflexões iniciais na temática do movimento feminista, do constructo sócio linguístico do sistema sexo/gênero, e todas as contribuições que o feminismo (com toda a sua taxionomia) dá para a forma singular de se produzir conhecimento. São demarcações nítidas do alcance epistemológico e metodológico de que parto para produzir essa tese, posto que ela é produzida para, também, ocupar uma sensível vacância de fala e produção lésbica no espaço acadêmico. É agora e já passou da hora, de nós quebrarmos os armários do silêncio e escrever como acadêmicas lésbicas.

No capítulo 2, apresento um resgate histórico da presença lésbica na vida da humanidade, reportando-me à Safo, poeta e pensadora grega, que se relacionava afetivo-sexualmente com mulheres, vivia na ilha de Lesbos, de onde advém o verbete *lésbica,* e sigo, até chegar às Çacoaímbeguiras, índias tupinambás que, à época da invasão portuguesa no Brasil, chocaram os missionários e colonizadores

por ter “esposas”, lutar como homens e prescindir deles nas suas relações erótico-sexuais.

Prossigo apresentando registros de presença lésbica na historiografia, ainda que não tenha sido tarefa fácil, pois não foi tarefa fácil. Dada a invisibilidade lésbica, registros documentais confiáveis, como processos jurídicos ou ligados ao Direito Canônico sobre mulheres que namoravam mulheres são raros; então, tive que fazer uso de livros que tratam da homossexualidade sob uma perspectiva predominantemente masculina, embora os próprios autores reconheçam a lacuna que há em seus trabalhos sobre lesbianismo. Recorri aos homens/autores como Luís Mott (1987), Colin Spencer (1999); Ronaldo Vainfas (2004) e João Silvério Trevisan (2018), que discutem a temática em foco. O que, por si só, já apresenta uma significativa informação de como é necessário se produzir sobre vivência lésbica. Desejo aqui fazer uma menção ao excelente trabalho do Professor Dr. Luiz Mott, da Universidade Federal da Bahia, ativista dos direitos LGBTQIA+, fundador do Grupo Gay da Bahia, que escreveu o que de melhor há, até o momento, em termos de resgate da presença lésbica na história do Brasil.

No capítulo 3, realizo uma desconstrução[18] do discurso médico-cientificista do século XIX, construtor da homossexualidade, não só o comportamento sexual desviante, mas como constitutivo de subjetividades específicas, o que faz com que aquelas e aqueles que antes eram denominad@s safistas/sodomitas e pecador@s sejam compreendid@s além da delinquência, do pecado e sejam designad@s como tipologia humana específica. Desse modo, ao construírem a “lésbica”, os teóricos[19] da nascente “sexologia” elaboram, também, o conceito essencialista de heterossexualidade.

No capítulo 4, adentro nas narrativas de minhas sete colaboradoras de pesquisa: Olympia, Rosa, Nise, Bertha, Marie, Dandara e Penha, nomes fictícios que têm sua escolha explicitada no capítulo 1. São relatos fortes, que evidenciam o quanto a atração lésbica para essas mulheres se deu de forma não intencional e todos os conflitos e alegrias por elas experienciados, a partir da saída do casamento heterossexual e sua posterior vivência lésbica. Destaco, entre outras coisas fundamentais desses relatos, o assédio moral no trabalho, o assédio sexual por

[18] Desconstrução no sentido usado por Derrida (2001), o qual será exaustivamente discutido e explicado no decurso desse texto.

[19] Aqui, sim, utilizo o masculino genérico por terem sido os homens que elaboraram o discurso sobre sexualidades desviantes do século XIX.

homens de prática heteroerótica que insistem em participar de alguma forma do sexo lésbico e o empobrecimento dessas mulheres ao romperem com seus casamentos héteros. Foco, também, na experiência dessas mulheres se assumirem como lésbicas para seus filhos e filhas.

Nas Considerações Finais, destaco a importância de um trabalho que venha a quebrar, de algum modo, a invisibilidade lésbica, assim como assinalo que as mulheres envolvidas na empiria romperam, em parte, com a heteronormatividade, mas ainda se encontram atreladas aos discursos hegemônicos, como o de considerar os ex-maridos maravilhosos, sobre comportamentos que caracterizam, no mínimo, o básico a ser esperado em um relacionamento.

Estado da Arte

Faço uso de uma revisão narrativa sobre o tema aqui proposto, que consiste em pesquisar o que foi produzido sobre a temática, mas de forma assistemática e sem tanto rigor nas buscas.

> A "revisão narrativa" não utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. A busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações. Não aplica estratégias de busca sofisticadas e exaustivas. A seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores. É adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de cursos (UNESP, 2015, s/p).

O assunto de sexualidade humana é compreendido como pertencente à ordem de uma linearidade que concebe que há um encadeamento "lógico" entre sexo biológico; gênero feminino; heterossexualidade, casamento e maternidade. Produzir um discurso contra-hegemônico para desconstruir, problematizar e instigar uma percepção da temática lésbica sob outra ótica é fundamental.

Nas buscas de assuntos sobre a temática no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES, encontrei uma produção tímida sobre visibilidade lésbica, maternidade e saúde sexual e reprodutiva do segmento em foco; todavia, encontrei trabalhos sobre a dupla maternidade de lésbicas e técnicas de reprodução assistida, sobre sexo casual e proteção contra Infecções Sexualmente Transmissíveis- IST's, e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – SIDA/AIDS, e também sobre feminismo lésbico negro.

Mas, especificamente sobre o que foco nesta tese, que trata da problemática sobre mulheres que foram casadas com um homem, têm prole e, posteriormente, passaram a ter uma vivência lésbica, encontrei apenas um trabalho que se intitula: Identidade, Sexualidade e Gênero: uma análise de narrativas de mulheres lésbicas mães, dissertação de mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Goiás, defendida em 2020.

Em relação às dissertações e teses que pesquisei no banco de teses da CAPES, elaborei um quadro daquilo que considero pertinente à temática em foco. Como se trata de uma Revisão Narrativa, que exige menos rigor nos mecanismos de busca, elenquei trabalhos desde 2009 até 2020, a maior parte escrita em programas de Mestrado e Doutorado de Psicologia, mas também de outras áreas, o que considero, sinaliza para um despertar da referida temática nesse campo de estudos.

Quadro 1 - Demonstrativo de Dissertações e Teses- CAPES

Título	Tipo	Palavras-chave	Ano	Área do conhecimento
Entre elas: cartografias dos devires amorosos	Dissertação	Lésbicas; subjetividades; Psicologia Social	2009	Psicologia
Mulheres que Amam Mulheres: Trajetórias de Vida, Reconhecimento e Visibilidade Social às Lésbicas	Dissertação	Gênero, Orientação sexual, feminilidade, lésbicas, Invisibilidade.	2009	Psicologia
Políticas de saúde voltadas às lésbicas: um estudo sobre as possibilidades de reverter um quadro histórico de invisibilidade	Dissertação	Políticas Públicas, Saúde, Lésbicas Práticas discursivas	2011	Psicologia Social
Duas mães? Mulheres lésbicas e maternidade'	Tese	Direitos Reprodutivos Direitos Sexuais Homoparentalidade Maternidade Mulheres Lésbicas Sexualidade Tecnologias de Reprodução Assistida	2012	Saúde Pública
SERÁ QUE EU TÔ GOSTANDO DE MULHER? Tecnologias de	Tese	Homofobia Identidade sexual Lésbicas Teoria Queer	2013	Psicologia

normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista				
Tambores e corpos sáficos: uma etnografia sobre corporalidades de mulheres com experiências afetivo-sexuais com mulheres da cidade de Fortaleza	Dissertação	Mulheres com experiência afetivo-sexual com mulheres; Gênero; Corporalidades; Saúde	2013	Saude Coletiva
Tribadismos Na Prisão: Apagamentos E Multiplicidades Do Cárcere Em Documentos Oficiais Que Regulam Os Direitos Humanos Das Lésbicas À Visita Íntima	Dissertação	Direitos humanos Lésbicas Visita íntima	2015	Direitos Humanos
Teias e tramas: performances, melancolia e violências em relacionamentos conjugais entre lésbicas	Tese	Psicologia clínica Lesbianismo - aspectos psicológicos Identidade de gênero Violência contra as mulheres - aspectos psicológicos Violência familiar Pós-estruturalismo Violência nas prisões	2015	Psicologia Clínica
Violência Conjugal Lésbica: Concepções e Relatos de Profissionais que Atuam Na Rede de Atendimento às Mulheres em Situação de Violência na Cidade de Niterói	Dissertação	Lésbicas Mulheres Violência conjugal Violência em relações lésbicas Violência contra a mulher Violência conjugal Homossexualidade feminina	2016	Política Social
Maternidades lésbicas: clivagem entre as tensões sociais e políticas do tornar-se mãe na contemporaneidade	Tese	Maternidade Maternidades lésbicas Tensões sociais Tensões políticas	2017	Sociologia
SAPATÃO É RESISTÊNCIA! (IN) VISIBILIDADE LÉSBICA, IDENTIDADE... E	Dissertação	Direitos Humanos. Lésbicas. Invisibilidade. Identidade.	2017	Direitos Humanos

OS DIREITOS HUMANOS?				
De Luz E De Sombra: As Múltiplas Tessituras Do Devir Lésbico	Tese	Lésbicas; Estigma; Invisibilidade	2019	Sociologia
O BOLETIM CHANACOMCHANA E AS SOCIABILIDADES LÉSBICAS NA DITADURA MILITAR (1964 1988)'	Dissertação	Ditadura Civil-Militar Lésbica Espacialidades Imprensa Alternativa	2019	Psicologia
MOVIMENTOS DE LÉSBICAS DE PERNAMBUCO: UMA ETNOGRAFIA LÉSBICA FEMINISTA	Dissertação	Antropologia; Movimentos sociais; Lésbicas; Identidade; Feminismo; Sexualidade	2019	Antropologia
"Tudo Aquilo Que Sou Perpassa A Minha Existência Enquanto Mulher E Lésbica": Narrativas De Professoras Lésbicas Das Instituições De Ensino Superior Do Amapá'	Dissertação	Lésbicas; Lesbofobia; Racismo.	2020	Educação
Direitos Sexuais e Lesbianidades: reconhecimento no campo da saúde	Dissertação	Direitos Sexuais e Lesbianidades: reconhecimento no campo da saúde	2019	Serviço Social
E elas saíram do armário: Subjetivações lésbicas em idade adulta	Dissertação	Assunção Lesbianidades Identidade Foucault Butler	2019	Psicologia
Identidade, Sexualidade e Gênero: uma análise de narrativas de mulheres lésbicas mães	Dissertação	Gênero; Sexualidade; Lesbianidade; Maternidade; Narrativas.	2020	Psicologia

Fonte: CAPES, elaborado pela Autora.

Nas buscas[20] realizadas, vejo que a temática lésbica ainda é pouco explorada pela Academia. Todavia, observo que, mesmo que timidamente, tem sido trabalhada, se não proficuamente, pelo menos de alguma maneira. Esse trabalho vem, justamente, para somar nesse sentido e procurar, de algum modo, fortalecer e incentivar a pesquisa sobre Lesbianismo e Lesbianidades.

[20] Não fiz buscas em Bases de dados de Periódicos, devido ao fato desta ser uma Revisão Narrativa e, como tal, que não me impele, forçosamente, a fazê-lo. Acredito que focar na produção de Dissertações e Teses sobre a temática dimensiona satisfatoriamente uma compreensão da produção em pós-graduação *strictu sensu*.

No acervo da Biblioteca da UNICAP, encontrei um único trabalho, uma tese de doutoramento de 2015, intitulada Teias e tramas: performances, melancolia e violências em relacionamentos conjugais entre lésbicas. Em 2008, um outro trabalho, no caso uma dissertação de mestrado, intitulada Parentalidade e conjugalidades em uniões homoafetivas femininas, o que leva a se considerar a enorme vacância que há no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da UNICAP sobre a temática, inclusive, porque ambos os trabalhos foram escritos por homens e não por lésbicas. Posso afirmar que em termos de escrita lésbica e feminista, essa tese é pioneira no referido Programa.

Os trabalhos que estão listados nesse Quadro 1 versam sobre invisibilidade, violência, lesbofobia e Teoria Queer, além de dois deles focarem na questão dos Direitos Humanos e Sexuais do segmento. Há de se destacar, ainda, que a boa parte dos trabalhos são na área da Psicologia, o que sinaliza para um despertar do campo sobre a temática, muito embora seja um despertar muito tímido, eu diria.

Esses achados só fazem reforçar os argumentos que utilizo no decurso dessa tese: Que esse tema deve ser trabalhado na Academia e, por isso, fico confortável e satisfeita por ter decidido escrever sobre ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender em que medida mulheres lésbicas rompem com a heteronormatividade, procurei, a partir de uma pesquisa qualitativa, utilizando a metodologia da Análise temática, escutar mulheres em suas experiências homoafetivas. Para tanto, ao longo da escrita dessa tese teorizei, romantizei, compartilhei e, sobretudo, relatei... Descrevi histórias, eventos, percepções, gargalos e apertos que mulheres passaram e passam por serem o que são: mulheres que amam e fazem sexo com outras. Por assim agirem e se comportarem, tornaram-se lésbicas, sapatões, saboeiras, fanchonas, mulher-macho, sendo submetidas às situações de estigma, preconceitos e exclusão social de modo que se tornam abjetas para o convívio e, ainda mais, ao respeito social, individual, que todo ser humano é digno.

Essas mulheres, das quais também faço parte, tornaram-se párias sociais pelo fato de terem saído de casamentos heterossexuais e assumido a vivência de um devir lésbico. Mas, como nos ensina Caetano Veloso: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”. Procurei, então, trazer nessas páginas histórias, relatos de resistência de mulheres que não têm vergonha de ser o que são e de amar quem amam. Saber onde está o clitóris é conhecimento, saber onde está o próprio clitóris, é empoderamento, é saber de si, é tomar nas mãos as rédeas de seu próprio prazer, de sua vida, de suas escolhas, de sua liberdade, de poder decidir por si mesma, de errar ou acertar, não importa. O que realmente importa é a certeza de se saber capaz de tomar a responsabilidade por suas escolhas existencias.

Atrelado ao Movimento Feminista, o Lesbianismo se entrelaça com aquele de modo visceral. Recordo de um Fazendo Gênero em que fui e ouvi duas feministas comentando sobre uma palestra incrível que haviam acabado de ouvir sobre lésbicas, sendo que a conferencista não era lésbica, o que, segundo elas (e eu concordo) era ótimo, pois ouvir uma feminista hétero palestrar sobre nossa causa é relevante, porque, nós, feministas, nos cansamos de ouvir que “Feminismo é coisa de sapatão feia e mal-amada!”. Naquela ocasião, eu não resisti e me virei para ambas e aquiesci. Ficamos ali conversando um pouco sobre como essa é a forma utilizada pelo Patriarcado, o Sexismo, o Racismo, a Lesbofobia para nos atingir como mulheres que se fazem sujeitas de Direito.

Nesta tese, iniciei por situar o meu discurso; eu quis fazer um segundo doutorado porque desejei produzir conhecimento, como feminista e como lésbica. Por isso, o primeiro capítulo trata de Epistemologia Feminista, que concebe um sujeito, pós-moderno pós-identitário, nômade no existir e na produção do pensamento científico; Essa Epistemologia se atrela com a Metodologia escolhida por mim: Esta é uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, que fez uso de entrevistas semiestruturadas e diário de campo e que considera a subjetividade como inerente ao processo epistemológico. No capítulo 1, apresentei um quadro que retrata as sujeitas de pesquisa, seus codinomes: Olympia, Rosa, Nise, Bertha, Marie, Dandara e Penha, todas mães, todas tiveram de se parir como cidadãs, como pessoas e, novamente, como mães. Muito se fala de jovens e suas dificuldades em se assumir para a família, para mãe e pai, mas e o inverso? Por isto, escolhi sujeitas que fossem mães. É preciso falar sobre isso.

No capítulo 2, mergulhei na tarefa de resgatar a presença lésbica na história dos humanos, logicamente que não dei conta de tudo o que há por falar, dada a diversidade de culturas, de tempos históricos, assim como a escassez de registros; mas procurei destacar aquilo que considerei mais relevante. O maior problema de escrever uma história do Lesbianismo é a invisibilidade lésbica, pois, como relato no dito capítulo, se as mulheres hétero são invisíveis na história contada pelos homens, o que não afirmar das lésbicas.

Situação piorada pelo fato do sexo lésbico não ser considerado uma relação sexual completa, como já expus ao longo dessa tese. Mas, apesar das dificuldades e, sobretudo, com a ajuda do livro do professor Luís Mott, O Lesbianismo no Brasil, que apresenta, a partir de uma cuidadosa pesquisa histórica nos arquivos inquisitoriais e jurídicos, um relato justo da presença lésbica em terras de Vera Cruz e Pau Brasil, desde a chegada dos portugueses, que ficaram estarrecidos com as Çacoaímbeguiras, as índias Tupinambás que tinham esposas, caçavam e guerreavam, como se “machos” fossem. Talvez tenha sido a herança ancestral dessas amazonas que deu coragem às feministas lésbicas de São Paulo para ocupar o Ferro’s bar e exigir respeito à sua diversidade. O agosto do orgulho lésbico institui-se! O que a história chama de “pequena Stonewall brasileira”. É disso que trata o capítulo 2.

No capítulo 3, recorro a Foucault (1993), mas não só a ele, para problematizar os construtos “sexológicos” da Medicina oitocentista e sua tipologia humana específica

criadora da homossexualidade, do gay, da lésbica, e do seu discurso, ao que Foucault (1993, p. 25) denominou de “Hermafroditismo da alma”. Postulados abraçados pela Psicologia de então, faço uso dos postulados da teoria Queer e das contribuições de Judith Butler (2003) sobre a performatividade do Gênero e como é esse que constrói o sexo. Butler revoluciona com seu pensamento as concepções das acadêmicas feministas dos anos 1970, que consideram o sexo da ordem do biológico e o gênero social. Daquela autora, utilizo também o conceito de abjeção, e como há corpos que são considerados abjetos, de menos valia, como os lésbicos, negros, pobres etc. Apresento ainda a heterossexualidade como regime político, como pensamento hegemônico inserido compulsoriamente como um *destino* na vida das mulheres.

No capítulo 4, mergulho nos discursos das colaboradoras dessa pesquisa, seus relatos, plenos de emoção, exclusão, sentimentos conflitantes, mas com uma coisa em comum: a decisão de se apropriarem de suas vidas, de se parir como pessoa que podem gerir a própria história. Retomo, então, à pergunta de pesquisa que orienta este trabalho: Em que medida mulheres lésbicas, em um casamento heterossexual e com filhos, rompem com a heteronormatividade? E partir de uma Análise Temática, que utilizei como ferramenta metodológica, pondero que em parte sim, elas romperam com a heteronormatividade como projeto político e modo de subjetivação, mas que ainda exibem, sob muitos aspectos, discursos hegemônicos alinhados com a Norma Hétero. Ao realizar a Análise Temática, parti, inicialmente, de dois temas[232]: dificuldades do devir lésbico e rompimento com a heteronormatividade, todavia, novos temas surgiram, assim como subtemas. Atrelados aos temas dos quais parti, emergiram mais seis, que se seguem:

- O interesse por mulheres ser da ordem da contingência e do acaso;
- O sexo lésbico ser mais prazeroso que o hétero;
- Interesse latente por mulheres antes do casamento heterossexual;
- Ideação suicida;
- Busca de ajuda psicológica.

Concebem a si mesmas e a seus relacionamentos lésbicos como baseados em amor e desejo; enfrentaram, em sua grande maioria, problemas os mais diversos,

[232] Ao realizar a Análise Temática, é possível sim elencar temas em um primeiro momento. Contudo, é preciso que a analista esteja ciente de que poderá não os encontrar, ou que terá acréscimos, como foi o caso.

não só com o divórcio, mas com assédio moral no trabalho, assédio sexual, empobrecimento, e Lesbofobia diária, além de terem, todas, partilhado o medo de perder o amor de suas filhas e filhos ao se assumirem como lésbicas para a prole. Passaram a ser estigmatizadas por desejar viver quem são e seus corpos abjetos. Alinhando-se à Teoria Queer que postula, em suma, que só há práticas sexuais, e que práticas sexuais não conferem identidade a ninguém, ou seja, essas mulheres, como quaisquer outras lésbicas, não se transformaram em tipo humano psicológico detentor de um hermafroditismo da alma.

Acredito que a Metodologia adotada possibilitou a consecução do objetivo geral que foi o de compreender como as mulheres lésbicas rompem com a heteronormatividade. Dado o fato que se encontram constituídas por modos de subjetivação secularmente construídos, o desfazimento da Heteronormatividade, como regime político e discurso "de verdade", carece de tempo para que haja uma ruptura com a proposta de vida que tal discurso contém. O aprisionamento de corpos, a adoção de uma visão de mundo gendrada desse grupo estudado, corrobora com o pensamento de Foucault, Judith Butler, Erwing Golfman, Monique Wittig, e todo arcabouço teórico do qual fiz uso para sustentar minha argumentação.

Esse trabalho não está, nem deve ficar concluído. Ele instiga outras demandas, estudos sobre madrastas lésbicas, sobre lésbicas negras, sobre apoio psicológico a mulheres casadas com homens que se percebem lésbicas, quiçá apaixonadas por outra mulher. Eu fui uma mulher assim. Eu pensei muitas e muitas vezes em me suicidar, essencialmente porque não queria que meus três filhos tivessem uma mãe lésbica. Todas as mulheres ouvidas tiveram assistência psicológica, mas, no privado, e é preciso que isto se torne uma política pública, bem como devem ocorrer campanhas educativas sobre sexo lésbico seguro e a prevenção de Infecções Sexualmente Transmitíveis – IST's, da AIDS, da hepatite B, Herpes Genital e Labial, dentre outras.

Pensar em visibilidade lésbica não deve se restringir a uma visão míope de enxergá-las como casal em espaços públicos, pois políticas de saúde coletiva com vistas à promoção de saúde feminina devem abranger o sexo lésbico, bem como campanhas de prevenção, a exemplo daquelas durante o carnaval de IST's e AIDS sobre a necessidade de uso de camisinha. E são elas distribuídas em larga escala, mas para proteção efetiva do segmento em foco, lésbicas, a camisinha revela-se bastante ineficaz. Afinal, para o sexo entre mulheres (vulva-vulva ou boca-vulva) a

transmissão de HIV, IST's e Hepatite B, Herpes Labial e Genital deve ser pensada "fora da caixa" do sexo hétero que tem como foco a penetração vaginal. A proteção mais viável é o dental dam, uma folha de látex com tamanho aproximado de 15x15 cm. Ele pode ser usado como uma barreira entre a boca e a vulva durante o sexo oral. Como nem sempre está disponível em farmácias ou em postos de saúde, é possível cortar um preservativo masculino e adaptar ao uso. Nada disso é veiculado em larga escala, em formato de políticas públicas de saúde para a população lésbica, tal como ocorre com o uso de luvas e dedeiras.

Outro ponto que merece destaque no tocante à visibilidade lésbica tem a ver com os dados epidemiológicos que bem pouco mapeiam os agravos à saúde dessas mulheres. É preciso que o Estado contabilize quantas lésbicas são infectadas anualmente por IST's, AIDS, hepatite B, Herpes Genital e Labial. A invisibilidade lésbica é significativa nas mais variadas políticas públicas. No estado da arte, encontrei trabalhos sobre violência conjugal entre lésbicas, e fica uma questão sobre o tanto que as delegacias da mulher estão devidamente capacitadas no tocante aos recursos humanos em acolher tais mulheres, assim como sobre a temática da saúde lésbica.

Esses são apenas alguns pontos a serem questionados quando se fala em reconhecimento da existência de mulheres lésbicas. Como exemplo positivo, merece destaque o Programa de Reprodução Assistida do Sistema Único de Saúde - SUS para casais lésbicos. Faz-se mister destacar que tais conquistas advêm da luta histórica do movimento feminista lésbico. Reportando-me, mais uma vez a Allan Touraine (1995), são os movimentos sociais que movem a sociedade.

Sinalizo, no escopo desse texto, que a Heteronormatividade é um projeto político que faz variadas mulheres acreditarem que a heterossexualidade é compulsória, é inevitável, o destino casar e ter crianças é da essência feminina, em consonância com o pensamento de Monique Wittig (2022), Paul B. Preciado (2017), Adrienne Rich (2010) dentre outr@s autor@s que assim pensam a heterossexualidade. É um pensamento de tal poderio intelectual que mesmo após uma mulher quebrar a prática heterossexual, trocar os afetos héteros por afetos homo, quando descobrem que o prazer proporcionado pelo sexo lésbico as levou a patamares muito melhores de gozo, mesmo assim, o discurso hegemônico do projeto político da Heterossexualidade Compulsória, da Heteronormatividade, do modelo de pensar família, relacionamentos, encontram-se impregnado dentro do discurso libertador

acerca da sua própria vida e sexualidade. Foi difícil, foi sofrido, mas as sete colaboradoras conseguiram romper com muitos desses constructos e redefiniram suas vidas de uma maneira mais autêntica e parresiasta.

De modo que: Maridos, sentimos muito, mas, ADEUS! Afinal de contas, não é que todas nós tínhamos mais do que um pouco de Safo e de Sapa em nossas entranhas!?!

REFERÊNCIAS

ABIB, J.A.D. (2009). **Epistemologia pluralizada e história da psicologia**. scientiæ zudia, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 195-208. Disponível IN: https://www.scielo.br/j/ss/a/MD9ghFbpK9vvrMDCrYNgMgK/?format=pdf&lang=pt Acessado em 07 de maio de 2022.

ABBOT, D; FARMER, E. (1998). **Adeus Maridos, Mulheres que escolheram Mulheres.** São Paulo: Summus.

ALCOFF, L. (1988). **Feminismo cultural vs. Post-estructuralismo:** la crisis de identidade de la teoría feminista. Journal of Women in Culture and Society, vol. 13, nº. 3, The University of Chicago. Disponível IN: http://148.202.18.157/sitios/catedrasnacionales/material/2010a/cristina_palomar/2.pdf Acessado em 2 de agosto de 2022.

ALEGRE, S. M. (2011). **Desafíos a la heterosexualidad obligatoria**. Colección "Textos del cuerpo": Barcelona Editorial UOC.

ALEXANDRE, M.E.S; SCARDUA, A. (2014). **CASAMENTO ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO**: REVISITANDO A PRODUÇÃO CIENTÍFICA. Disponível IN: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conages/2014/Modalidade_1datahora_18_05_2014_05_42_23_idinscrito_57_17833478dfe288cc11a69dd6a98e94be.pdf Acessado em 25 de maio de 2022.

ALMEIDA, L.P. (2011). **As Dobras Deleuzianas nos Desdobramentos Ético estéticos de Lina Bo Bardi**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Da Bahia Faculdade De Arquitetura Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo- Salvador. Disponível IN: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/13075/1/Dissertac%CC%A7a%CC%83o%20Lutero%20Proscholdt.pdf Acessado em: 10 de maio de 2022.

ALTHUSSER, L. (1992). **Aparelhos Ideológicos do Estado**. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal.

AMATO, B; GOMES, G; & MOREIRA, M, R. (2021). **EU NÃO SOU O HOMEM DA RELAÇÃO:** ressignificação BUTCH como operação política, agenciamento pós-humano e transprodução de feminilidade. Revista Communitas V5, N9(Jan.-Mar.). Políticas públicas e igualdade de gênero: estratégias de resistência. Disponível IN: https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/4607/65 Acessado em 19 de agosto de 2022.

ANDERSON, P. (1999). **As origens da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ARATANGY, L, R. (1995). **Sexualidade: a difícil arte do encontro**. São Paulo: Ática.

ARC, S. (2009). **As Lésbicas**: Mitos e Verdades. São Paulo: GLS.

BEAUVOIR, S. (1970). **O Segundo Sexo.** Vol.1. Fatos e Mitos. Difusão europeia de Livros. 4ª. Edição. Disponível IN: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3959829/mod_resource/content/1/Beauvoir.O_segundo_sexo-DIFEL.pdf Acessado em 14 de maio de 2022.

BENTO, B. (2014). **Queer o quê? Ativismo e estudos transviados**. In: Revista Cult. Dossiê Teoria Queer: O gênero sexual em discussão. Nº193. p.44

BOONEN, C; CALAZAN, R. (2017). A noção de sujeito do inconsciente como situação imanejada. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 49.1, p. 98-122.

BORRILLO, D. (2010). **Homofobia:** história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

BOUCIER, M.H. (2017). Prefácio do Manifesto Contrassexual. IN: PRECIADO, P.B. (2017). **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições.

BOURDIEU, P. (2010). **A Dominação Masculina**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BOURDIEU, P. (2012). **A Dominação Masculina**. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Disponível IN: file:///C:/Users/Rosa/Downloads/A%20domina%C3%A7%C3%A3o%20masculina%20(Pierre%20Bourdieu)%20(z-lib.org).pdf Acessado em 24 de agosto de 2022.

BRANDÃO, A, M. (2010). **E se tu fosses um rapaz? Homoerotismo Feminino e Construção da Identidade.** Porto: Edições Afrontamento- Biblioteca das Ciências Sociais.

BRAUN, V.; CLARKE, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2. p. 77-101.

BRITO, A, X; LEONARDOS, A, C. (2001). A identidade das pesquisas qualitativas: construção de um quadro analítico. **Cadernos de Pesquisa** – Fundação Carlos Chagas. n. 113, p. 7-38.

BRITZMAN, D. (1996). O QUE É ESSA COISA CHAMADA AMOR- Identidade homossexual, educação e currículo**. Educação & Realidade**. 21(1):71-96, jan./jun.

BRASIL, (2010). **LEI Nº 12.318, DE 26 DE AGOSTO DE 2010**. Disponível IN: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12318.htm Acessado em 5 de agosto de 2020.

BERLANT, L & WARNER, M. (1998). **Sex in Public**. Publicado pela The University of Chicago Press. Critical Inquiry, Vol. 24, No. 2, Intimacy. Stable URL: http://www.jstor.org/stable/1344178 , Disponível IN: https://www.vfw.or.at/wp-content/uploads/2015/10/Berlant_Warner_sex_in_public.pdf Acessado em 19 de agosto de 2022.

BUTLER, J. (2017). **Problemas de Gênero:** Feminismo e subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BUTLER, J. (2019). **Corpos que Importam**- Os Limites Discursivos do "Sexo". São Paulo: N-1 Edições- crocodilo.

BUTLER, J. (2020). **A Vida Psíquica do Poder- Teorias da Sujeição**. 1ª edição, 5ª reimpressão. Belo horizonte: Autêntica.

BUTLER, J. (2021). **Discurso de Ódio:** Uma Política do Performativo. São Paulo: Editora UNESP.

CANTONNÉ, J, P. (2001). **A Sexualidade, Ontem e Hoje**. 2ª Edição. São Paulo: Cortez.

CAMBI, F. (1999). **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (UNESP).

CAPRONI NETO, H, L. & BICALHO, R, A. (2017). **Violência Simbólica, Lesbofobia e Trabalho: Um Estudo em Juiz de Fora**. HOLOS, Ano 33, Vol. 04. DOI: 10.15628/holos.2017.5871

CASTELLS, M. (2000). **O Poder da Identidade.** São Paulo: Paz e Terra.

CERTEAU, M. (1994). **A Invenção do Cotidiano**. Artes de Fazer. 12ª Ed. Petrópolis/RJ: Vozes.

CIENTISTAS FEMINISTAS. (2017). **Clitóris e orgasmo feminino. Como a ciência aborda esses assuntos?** Blog Cientistas feministas, junho. Disponível IN: https://cientistasfeministas.wordpress.com/2017/06/26/clitoris-e-orgasmo-feminino/ Acessado em 11 de agosto de 2022.

CINTRA, M. (2020). A ocupação do Ferro's Bar e a luta pela vida e por direitos. **PSTU- Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado**. Site Oficial. Disponível IN: https://www.pstu.org.br/a-ocupacao-do-ferros-bar-e-a-luta-pela-vida-e-por-direitos/ Acessado em 09 de março de 2023

CHAUI, M. (2000). **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática.

CLEMENTE, A. (2018). **Diálogos entre Saúde Mental e Homossexualidade:** Notas Sobre Produção de Subjetividade, Sofrimento e Opressão. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura. Vol. 02, N. 01, Jan. -Mar. Disponível IN: https://revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/203/159 Acessado em 19 de agosto de 2022.

CORRÊA, S. e ÁVILA, M.B. (2003). Direitos Sexuais e Reprodutivos - Pauta Global e Percursos Brasileiros. In: BERQUÓ, E. (org.). **Sexo & Vida:** Panorama da Saúde Reprodutiva no Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 17-78, 2003, p. 23

COSTA, J. F. (1995) **A Face e o Verso: Estudos Sobre O Homoerotismo II**. São Paulo: Escuta.

COSTA, P.R.M, GROSSI, M.P, SCHEIBE, C.W. (2010). **Nas Letras do Papel: Violências Contra Mulheres Lésbicas nos Tribunais de Sergipe.** Anais Eletrônicos do Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010- Disponível IN: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278295970_ARQUIVO_ARTIGO.pdf Acessado em 10 de agosto de 2022.

CRENSHAW, K. (2002). Documento Para O Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Estudos Feministas** 171 1/2002. Disponível IN: https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt Acessado em 08 de maio de 2022.

CURIEL, O. (2013). **La Nación Heterosexual**. Análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación. Bogotá: Impresol Ediciones- Brecha Lésbica y en la frontera.

DECLARAÇÃO E PLATAFORMA DE AÇÃO DA IV CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE A MULHER. (1995). **Documento Final**. Pequim. Disponível IN: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/declaracao_beijing.pdf Acessado em 12 de agosto de 2022.

DERRIDA, J. (2001). **Posições.** Belo Horizonte: Autêntica.

DELEUZE, G. (1992). **Conversações**. Coleção Trans. São Paulo: Editora 34.

DELEUZE, G. (2005). **Foucault.** São Paulo: Brasiliense.
DIAS, M, O, L, S. (1994). Novas Subjetividades na Pesquisa Histórica Feminista: uma hermenêutica das diferenças. **Estudos Feministas**. vol. 2 (2), p. 373-382.
DOMINGOS, D, O; BARACUHY, R. (2020). **A Construção de Verdades Parresiásticas em Discursos sobre Suicídio e Heteronormatividade.** PERcursos Linguísticos, Vitória (ES), v. 10, n. 25, ISSN: 2236-2592, Dossiê: Discursos de resistência e corpos (re)existentes. IN: file:///C:/Users/Rosa/Downloads/patrickrezende,+367-383.pdf Acessado em 2 de agosto de 2022.
ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. (2000). **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
ESPIN, O. (2010). **Nem Julgamento, Nem Sentença:** Relendo os textos bíblicos sobre a homossexualidade. Berkeley / Califórnia: CLGS. Disponível IN: https://www.clgs.org/wp-content/uploads/2015/11/nem-jugamento.pdf Acessado em 21 de agosto de 2022.
FALQUET, F. (2006). **De la cama a la calle: perspectivas teóricas lésbico-feministas**. Bogotá: Brecha Lésbica/ Ediciones Antropos.
FOCAULT, M. (1993a). **História da sexualidade I** – A vontade de saber. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Graal.
FOCAULT, M. (1993b). **História da sexualidade II** – O Uso dos Prazeres. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Graal.
FOUCAULT, M. (1999). **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Loyola;
FOUCAULT, M. (2011). **A Coragem da Verdade**- O Governo de Si e dos Outros II. Curso no College de France (1983- 1984). São Paulo: Martins Fonte.
FOCAULT, M. (2019a). **Microfísica do Poder.** 10ª Edição. Rio de Janeiro/ São Paulo: paz e terra.
FOCAULT, M. (2019b). **Subjetividade e Verdade**: Curso no Collège de France (1980-1981). São Paulo: Martins Fontes.
FOCAULT, M. (2019c). **Problematização do Sujeito**: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise- Ditos e escritos, Volume I. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
FOCAULT, M. (2019d). **Vigiar e Punir**. 42ª. Edição, 7ª Reimpressão. Petrópolis: Vozes.
FOUCAULT, M. (2020). **A Arqueologia do Saber**. 8ª Edição. Rio de janeiro: Editora forense.
FOUREZ, G. (1995). **A construção das ciências:** introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP).
FRANÇA, F. S. (2020). Orgulho Lésbico: A memória da revolta do Ferro's Bar e reflexões para as lésbicas do presente. **Instituto de Estudos de Gênero.** Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível IN: https://ieg.ufsc.br/noticias/303#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20da%20data%20tem,o%20dia%20do%20Orgulho%20L%C3%A9sbico. Acessado em: 09 de março de 2023.
FREIRE, Paulo – **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996.
FREIRE, R; & BRITO, F. (2001). **Utopia e Paixão: a política do cotidiano**. 13ª edição. São Paulo: Trigrama Editora e Produções Culturais. Disponível IN: https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2018/12/FREIRE-Roberto-BRITO-

Fausto-Utopia-e-Paix%C3%A3o-A-Pol%C3%ADtica-do-Cotidiano.pdf Acessado em 19 de agosto de 2022.

GAIARSA, J, A. (1994). **Amores Perfeitos**. 6ª edição. São Paulo: Editora Gente.

GARCIA, C.C. (2012). **AS TRÊS JOANAS.** As aventuras das mulheres guerreiras na Idade Média. abrys, études féministes/ estudos feministas juillet/décembre 2012. Disponível IN: https://www.labrys.net.br/labrys22/aventure/carla.htm Acessado em 26 de julho de 2022.

GARCIA, S. FERREIRA, J. (2022). ANÁLISE DE CONCEITO E ANÁLISE TEMÁTICA NA PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO. **Debates em Educação**. Vol. 14 | N.º 36 | Set. /Dez. | 2022. Disponível IN: file:///C:/Users/Rosa/Downloads/13678-Texto%20do%20Artigo-58558-1-10-20221222.pdf D.O.I. https://doi.org/10.28998/2175-6600.2022v14n36p358-378 Acessado em 09 de junho de 2023.

GERGEN, M. M. (1993). **O Pensamento Feminista e a Estrutura do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/Editora Universidade de Brasília (EdUnB).

GIMENO R, B. **Historia y análisis político del lesbianismo:** la liberación de una generación. (Colección Libertad y Cambio) Editorial Gedisa: Barcelona, España, 2005.

GIMENO, R, B. (2003). **"Uma aproximação política do lesbianismo" (Des)construção social da sexualidade**. Tradução coletiva para o projeto Quarentena Lesbofeminista do Memória Lésbica. Disponível IN: file:///C:/Users/Rosa/Downloads/Uma%20aproxima%C3%A7%C3%A3o%20pol%C3%ADtica%20ao%20Lesbianismo%20Beatriz%20Gimeno.pdf Acessado em 16 de agosto de 2022.

GONÇALVES, J, A & CARVALHO, A, R. B. F. (2019). **LESBIANIDADE E PSICOLOGIA NA CONTEMPORANEIDADE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**. GÊNERO, Niterói, v.20|n.1| p.135-156 2. Sem. Disponível IN: file:///C:/Users/Rosa/Downloads/38495-Texto%20do%20Artigo-129926-1-10-20191108%20(1).pdf Acessado em 17 de agosto de 2022.

GUIDA NETO, J. (2011). **A CRISTIANIZAÇÃO DO IMPÉRIO ROMANO E O DIREITO.** Thesis, São Paulo, ano VII, n. 16, p. 1-12, 2° semestre. Disponível IN: http://www.cantareira.br/thesis2/ed_16/1_guida.pdf Acessado em 27 de julho de 2022.

GRÉMAUX, R. (1995). Mulheres Masculinizadas nos Balcãs. IN: BREMMER, J. **DE SAFO A SADE**: Momentos da História da Sexualidade. Campinas: Papirus Editora.

GRAF, N. B. (2012). Epistemologia Feminista: Temas Centrales IN: GRAF, N. B; Palacios, F.F; EVERARDO, M. R. coordinadoras. **Investigación feminista: epistemología, metodología y representaciones sociale** México: UNAM, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades: Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias: Facultad de Psicología.

GUASCH, O. (2007). **La Crisis de la Heterosexualidad**. ePub r1.0 Titivillus. Disponível IN: file:///C:/Users/Rosa/Downloads/La%20crisis%20de%20la%20heterosexualidad

%20(Oscar%20Guasch%20[Guasch,%20Oscar])%20(z-lib.org).pdf Acessado em 2 de agosto de 2022.
HALBERSTAM, J. (2020). **A arte queer do fracasso**. Recife: CEPE.
HALL, S. (2002). **A Identidade Cultural na pós-modernidade.** 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
HANISCH, C. (1969). **O Pessoal é Político**. Texto. Disponível IN: https://we.riseup.net/assets/190219/O+Pessoal%2B%C3%A9%2BPol%C3%ADtico.pdf acessado em 12 de agosto de 2022.
HARDING, S. (1993). A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. Revista **Estudos Feministas** 7 N. 1/93. Disponível IN: http://www.legh.cfh.ufsc.br/files/2015/08/sandra-harding.pdf Acessado em 17 de maio de 2022.
HELMINIAK, D, A. (1998). **O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade.** São Paulo: Summus. Edições GLS.
HITE, S. (1986). **O Relatório Hite**. São Paulo: DIFEL- Difusão editora, 18ª Ed.
HUTCHEON, L. (1991). **Poética do Pós-Modernismo**: História, Teoria, Ficção - Rio de Janeiro: Imago Ed.
KARPUSKA, L. (2022). Mulheres São Punidas no Mercado de Trabalho Após Se Tornarem Mães. **Jornal ESTADÃO**. 25 de março de 2022. Disponível IN: https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,laura-karpuska-maternidade-desigualdade-mercado-trabalho,70004018753 Acessado em 25 de maio de 2022.
KATZ, J. K. (1996). **A Invenção da Heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro.
KETZER, P. (2017). Como pensar uma Epistemologia Feminista? Surgimento, repercussões e problematizações. **Argumentos**, ano 9, n. 18 - Fortaleza, jul./dez.
Disponível IN: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32159/1/2017_art_pketzer.pdf Acessado em 16 de maio de 2022.
KUCHEMANN, B.A & PFEILSTICKER, Z.V.S. (2010). **Cuidado com os idosos e as idosas: um trabalho feminino e precário**. In: IV SEMINÁRIO DE TRABALHO E GÊNERO. Universidade Federal de Goiás, 2010. Anais...Goiás, 2010. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/245/o/Astrid_Zilda.pdf Acessado em 25 de agosto de 2022.
LACAN, J. (1988). **O seminário, livro 7**: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Seminário de 1959-1960).
LAQUEUR, T. W. (2001). **Inventando o sexo:** corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
LARDINOIS, A. (1995). Safo Lésbica e Safo de Lesbos. IN: BREMMER, J. **DE SAFO A SADE :** Momentos da História da Sexualidade. Campinas: Papirus Editora.
LAURETIS, T. de. (1994). A tecnologia do gênero. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. (org.) **Tendências e Impasses** – o Feminismo como crítico da cultura. Rio de janeiro: Rocco.
LESSA, F. S. (1998). **Comportamento Feminino e Vida Cotidiana no Gineceu.** Phoínix, RiodeJaneiro,4: 181-193. Disponível IN: file:///C:/Users/Rosa/Downloads/36535-97845-1-SM.pdf Acessado em 26 de julho de 2022.

LÉVI-STRAUSS, C. (1982). **As Estruturas elementares do parentesco**; Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes.

LIBERATO, M.T.C; COSTA, E.A.G; BARROS, J.P.P. (2019). O sujeito como campo problemático: contribuições de Foucault e Deleuze. **Rev. Polis e Psique,** 2019; 9(1): 91 – 108. Disponível IN: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v9n1/v9n1a06.pdf Acessado em 09 de maio de 2022.

LIMA, R. A. (2003). **Desconstruindo o Silêncio entre o Movimento Feminista Contemporâneo e Homoerotismo Feminino**: Perspectivas Educacionais. Dissertação de Mestrado- mimeo. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba.

LORDE, A. (2019). Não Existe Hierarquia de Opressão. IN: HOLANDA, H. B. (Org.). (2019). **PENSAMENTO FEMINISTA**- Conceitos Fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo.

LOURO, G. L. (1995). Produzindo sujeitos masculinos e cristãos. In: VEIGA-NETO, A. (org.) **Crítica Pós-Estruturalista e Educação**. Porto Alegre: Sulina.

LOURO, G. L (org.) (1999). Pedagogias da sexualidade. In: _____ (org.). **O Corpo Educado** – Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica.

LOURO, G. L (2001). **Gênero, Sexualidade e Educação** – uma perspectiva pós-estruturalista. 4. ed. Petrópolis: Vozes.

LOURO, G. L (2001). Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**. vol. 9, n. 2, p. 541-553.

LOURO, G. L (2001). **Gênero: questões para a educação.** Seminário Estudos de Gênero face aos dilemas da sociedade brasileira. São Paulo: ITU, abril.

LOURO, G. L. (2021). **Um Corpo Estranho**- Ensaios sobre Sexualidade e Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica.

LORENZO, A, G, A. (2003). **Identidades Lésbicas Y Cultura Feminista**- Uma Investigación Antropológica. México: Centro de Investigaciones Interdisciplinarias em Ciencias y Humanidades da Universidade Autonoma del Mexico- UNAM.

LYON, D. (1998). **Pós-Modernidade**. São Paulo: Paulus.

LYOTARD, J, F. (1998). **A Condição Pós-Moderna**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympo.

MAIA, G. MARROQUES, J. (2019). **Existência e Visibilidade Lésbica**. Belo Horizonte: Brasil de Fato, Disponível IN: https://www.brasildefatomg.com.br/2019/08/29/artigo-or-existencia-e-visiblidade-lesbica Acessado em 10 de agosto de 2022.

MACHADO, L.D; LAVRADOR, M.C. C. (2009). Por uma clínica da expansão da vida. **Saude, Educ.**, v.13, supl.1, p.515-21. Disponível IN: https://www.scielo.br/j/icse/a/YypQH7HJ7DqLYnV9VDpBnWy/?lang=pt&format=pdf Acessado em 15 de junho de 2023.

MARAVALL, J.A. (1997). **A Cultura do Barroco**, São Paulo: Edusp.

MARCONDES, D. (2007). **INICIAÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA** -Dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 13ª edição revista e ampliada.

MARX, K. (2004). **Manuscritos Econômicos Filosóficos**. São Paulo: Editora Martin Claret.

MEDEIROS, L, L & FACUNDES, V, L, D. (2022). **Sexualidade, Identidade de Gênero e as Interferências na Saúde Mental**. Research, Society and Development, v. 11, n. 6, e5911628414, 2022 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i6.28414.

MISKOLCI, R. (2021). **Teoria Queer**- Um Aprendizado pelas Diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

MOGROVEJO, N. (2006). **Identidad, cuerpo y sexualidad lésbica**. IN: Disidencia sexual e identidades sexuales y genéricas (Coletânea). México: CONAPRED.

MONTEIRO, R; FREITAS. & V; DANIEL, F. (2018). Condições de trabalho num universo profissional feminizado. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 26(2): https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n234529

MORIN, E; MOIGNE, J.L. (2000). **A Inteligência da Complexidade**. São Paulo: Peiropólis – Série Nova Consciência.

MOTT, L. (1987). **O Lesbianismo no Brasil.** Porto Alegre: Mercado Aberto. Série Depoimentos.

MURARO, R.M. (2015). Introdução. IN: KRAMER, H.**O Martelo das Feiticeiras**. Rio de janeiro: Edições BestBolso/ Editora Rosa dos Tempos.

NAVARRO-SWAIN, T. (2000). **A Invenção do Corpo Feminino** ou "A Hora e a vez do nomadismo identitário"? Brasília: Periódicos UNB- TEXTOS DE HISTÓRIA, ml 8, n° 1/2, Disponível IN: https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27803/23901 Acessado em agosto de 2021.

NAVARRO-SWAIN, T. (2004). **O Que é Lesbianismo**. 1ª Reimpressão da 1ª Edição. São Paulo: Brasiliense.

NOGUEIRA, Conceição. (2008). Análise (s) do Discurso: Diferentes Concepções na Prática de Pesquisa em Psicologia Social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** 2008, Vol. 24 n. 2, pp. 235-242. Disponível IN: https://www.scielo.br/j/ptp/a/JL4Cq5QbhzqQzjc3B7Ygh6g/?format=pdf&lang=pt Acessado em 06 de março de 2023

NOGUEIRA, C. (2017). **Interseccionalidade e Psicologia Feminista**. Salvador, Bahia: Editora Devires.

NOGUEIRA, G. (2019). **Especialistas refletem sobre como a heteronormatividade compromete as relações.** Portal Geledés. Disponível IN: https://www.geledes.org.br/especialistas-refletem-sobre-como-a-heteronormatividade-compromete-as-relacoes/#:~:text=%E2%80%9CHeteronormatividade%20tem%20a%20ver%20com,mulher%20tem%20que%20ser%20feminina. Acessado em 2 de agosto de 2022.

NOGUEIRA, C. (2001) **A análise do discurso**. Em L. Almeida e E. Fernandes (Edts), **Métodos e técnicas de avaliação**: novos contributos para a pratica e investigação. Braga: CEEP

ONU. (2019). **Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e do Caribe.** Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL). Disponível IN: https://oig.cepal.org/pt/indicadores/indice-feminidade-da-pobreza Acessado em 20 de agosto de 2022.

OLESEN, V. (2006). Os Feminismos e a Pesquisa Qualitativa neste novo milênio. IN: DENZIN, Norman e LINCOLN, Jvonna. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed.

OMS, Organização Mundial da Saúde (2002). **Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde**. Genebra: World Health Organization ISBN 92 4 154561 5. Disponível IN: https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/04/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf Acessado em 10 de agosto de 2022.

ORTEGA, Francisco (2000). **Para uma política de amizade:** Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

PAVELTCHUK, F, O. & BORSA, J, C. (2020). **A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais**. SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo Revista da SPAGESP, 21(2), 41-54. Disponível IN: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v21n2/v21n2a04.pdf Acessado em 18 de agosto de 2022.

PEREIRA, R, F. (2017). HOMOSSEXUALIDADE EM CENA: DA NATURALIDADE AO PRECONCEITO.REVISITANDO A PRODUÇÃO CIENTÍFICA NACIONAL**. Intinerarius Reflectiones- Revista Eletrônica da Graduação/ Pós-graduação em Educação.** Volume 13, número 2, ISSN 1807-9342. Disponível IN: file:///C:/Users/Rosa/Downloads/admin,+41309-173388-1-RV+-Diogo+HOMOSSEXUALIDADE.pdf Acessado em 3 de agosto de 2022.

PETCHESKY, R. (1999). Direitos Sexuais: Um Novo Conceito na Prática Política Internacional. In: BARBOSA, Regina Maria e PARKER, Richard (Orgs.) **Sexualidades Pelo Avesso** – Direitos, Identidades e Poder. Rio de Janeiro: IMS / UERJ; São Paulo: Ed. 34.

PINHEIRO, Z, et al. (2009). **O Gênero da Casa: Percepções Masculinas do Trabalho Doméstico. Fortaleza**: Anais do XX CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA DOMÉSTICA. Disponível IN: http://www.xxcbed.ufc.br/args/gt9/gt9_03.pdf Acessado em 18 de agosto de 2022.

PONTES, C, M, C. (2019). **De Luz e Sombra**: As Múltiplas Tessituras do Devir Lésbico. Campina Grande: Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. Disponível IN: http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/10238 Acessado em: 05 de maio de 2022.

PRECIADO, P.B. (2017). **Manifesto Contrassexual**- Práticas Subversivas de Identidade Sexual 2ª edição, 4ª reimpressão. São Paulo: N-1- Edições.

PRIORE, M.D & BASSANEZ, C. (2004). **História das mulheres no Brasil**. – São Paulo: Contexto

RAGO, M. EPISTEMOLOGIA FEMINISTA, GÊNERO E HISTÓRIA. IN: PEDRO, J; GROSSI, M. (Orgs)- **MASCULINO, FEMININO, PLURAL**. Florianópolis: Ed. Mulheres.

RIBEIRO, D. (2020). **Lugar de Fala**. São Paulo: Editora Jandaíra.

RICH, A. (2010). **Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica.** Bagoas. n. 05, p. 17-44. Disponível IN: https://cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf Acessado em 20 de maio de 2022.

RICHARDS, Nelly (1993). Feminismo y Postmodernismo. In: **Masculino/feminino**. Santiago de Chile: Francisco Legens – p. 77-92.

RICHARDSON, L; TAYLOR, V. A. WHITTIE. (2004). **Feminist Frontiers.** New York: McGraw-Hill. ISBN 13: 9780072824230

ROGERS, C. & ROSENBERG, R. L. (1977). **A Pessoa como Centro**. São Paulo: E.P.U.

ROSA, A. R. (2007). **(O) Braço Forte, (A) Mão Amiga: um estudo sobre dominação masculina e violência simbólica em uma organização militar.** 2007. 355 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras. Disponível IN: http://repositorio.ufla.br/bitstream/1/1916/2/DISSERTA%C3%87%C3%83O_%28O%29%20Bra%C3%A7o%20forte%2C%20%28A%29%20M%C3%A3o%20amiga.pdf Acessado em 3 de agosto de 2022.

RUBIN, G. (1975). **O Tráfico de Mulheres**: Notas sobre a "Economia Política" do Sexo* Disponível IN: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1740519/mod_resource/content/1/Gayle%20Rubin_trafico_texto%20traduzido%20%286%29.pdf Acessado em 20 de Outubro de 2021.

SAFFIOTI, H. (1987). **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna. Coleção Polêmica.

SAFFIOTI, H. (2015). **GÊNERO PATRIARCADO VIOLÊNCIA**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo.

SANCHEZ, M. (2009). Os conflitos da nova família. **Revista Época**- versão *on-line*. Disponível IN: https://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT62030-15228-62030-3934,00.html Acessado em 13 de março de 2023.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

SATO, A, L, A. (2018). **O ASSÉDIO DAS MULHERES E DA POPULAÇÃO LGBT NO AMBIENTE DE TRABALHO: UMA ANÁLISE CRÍTICA**. Monografia. Centro Universitário Toledo: Araçatuba. Disponível IN: https://servicos.unitoledo.br/repositorio/bitstream/7574/2295/3/O%20ASS%-%20ALIANDRA%20LOPES%20DOS%20ANJOS%20SATO.pdf Acessado em 17 de Agosto de 2022.

SENA, T. (2010). **Os Relatórios Masters & Johnson**: gênero e as práticas gênero e as práticas psicoterapêuticas sexuais a partir da década de 70. Estudos Feministas, Florianópolis, 18(1): 288, janeiro-abril. Disponível IN: https://www.scielo.br/j/ref/a/z83hTr87N7Zm7gDkDSGtZzj/?lang=pt&format=pdf Acessado em 10 de agosto de 2022.

Silva, M. R; Barbosa, M. A. S; Lima, L.G.B. (2020). Usos e Possibilidades Metodológicas Para os Estudos Qualitativos em Administração: Explorando a Análise Temática. **RPCA** | Rio de Janeiro | v. 14 | n. 1 | jan. – mar. ISSN 1982-2596. Disponível IN: file:///C:/Users/Rosa/Downloads/38405-Texto%20do%20Artigo-138387-1-10-20200331.pdf Acessado em 28 de junho de 2023.

SILVA, R. N. (2003). Inventando uma outra psicologia social. Em T. M. G. Fonseca & P.G. Kirst (Orgs.), **Cartografias e Devires**: a construção do presente (pp. 177-188). Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS.

SILVA, T.T. (2001). **Documentos de Identidade**. - Uma Introdução às Teorias do Currículo. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

SILVA, T.T (org.) (2000). **Identidade e Diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes.

SILVA, Z, P. & ARAUJO, R, J, C. (2021). **Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 29(3): e82446. Dossiê Feminismos e Lesbianidades em Movimento: a visibilidade como lugar. Disponível IN: https://www.scielo.br/j/ref/a/c85GVd3fx8rVtJ5WfxyBnsy/?format=pdf&lang=pt Acessado em 15 de agosto de 2022.

SOLLEE, K. **6 coisas para saber sobre o feminismo da 4ª onda**. Disponível IN: https://www.bustle.com/articles/119524-6-things-to-know-about-4th-wave-feminism Acessado em 07 de maio de 2022.

SCOTT, J. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista **Educação e Realidade**, v. 16, n. 2, p. 5-22, Jul-dez. Disponível IN: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667 Acessado em 13 de maio de 2022.

SOUSA, A. (2019). **Correspondência Do Século 12 Mostra Relação Amorosa Entre Freiras**. Aventuras na História. Disponível IN: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/carta-entre-duas-freiras-lesbicas-idade-media.phtml Acessado em 31 de julho de 2022.

SOUZA, É. R. (2005). **Necessidade de filhos**: maternidade, família e (homo)sexualidade. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. São Paulo.

SOUZA, H, L. CASSAB, L, A. (2010). **Feridas que não se curam**: A violência psicológica cometida à mulher pelo companheiro. Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas, ISSN 2177-8248. Disponível IN: http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/5.HugoLeonardo.pdf Acessado em 5 de agosto de 2022.

SPARGO, T. (2019). **Foucault e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

SPENCER, Colin. (1999). **Homossexualidade:** Uma História. 2ª Edição. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record.

TABAK, F. (2002). **O Laboratório de Pandora** – estudos sobre a ciência no Feminismo. Rio de Janeiro: Garamond.

TELLES, M. A. (1999). **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense. Coleção Tudo é História, 145.

TOLEDO, L.G, TEIXEIRA FILHO, T, S. (2010). **Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade**. Estud. pesqui. psicol. vol.10 no.3 Rio de Janeiro, dez. ISSN 1808-4281 Disponível IN: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812010000300006 Acessado em 10 de agosto de 2022.

TORREÃO FILHO, A. (2000). **Tríbades Galantes, Fanchonos Militantes**- Homossexuais que fizeram História. São Paulo: Edições GLS.

TOURAINE, A. (1994). **Crítica da Modernidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes.

TRIVIÑOS, A.N.S. (1987). **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.

UNESP, (2015). **TIPOS DE REVISÃO DE LITERATURA**. Botucatu/ mimeo. Disponível IN:

file:///C:/Users/Rosa/Downloads/TIPOS%20DE%20REVIS%C3%83O%20DE%20LITERATURA.pdf Acessado em 26 de agosto de 2022.

UZIEL, A, P; MELLO, L; & GROSSI, M. (2006). **Conjugalidades e Parentalidades de Gays, Lésbicas e Transgêneros no Brasil**. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(2): 248, maio-agosto. Disponível IN: https://www.scielo.br/j/ref/a/gSct3sZRNvqFC8q97JNMSRN/?format=pdf&lang=pt Acessado em 20 de agosto de 2022.

VAINFAS, R. (2004). **HOMOEROTISMO FEMININO E O SANTO OFÍCIO**. IN: PRIORE, M.D & BASSANEZ, C. (2004). História das mulheres no Brasil. – São Paulo: Contexto.

VAISMORADI, M, *et al*. Theme development in qualitative content analysis and thematic analysis. **Journal of Nursing Education and Practice**, v. 6, n. 5, p. 100-110, 2016, Disponível IN: https://www.scinapse.io/papers/2245858136 Acessado em 09 de junho de 2023.

VASALLO, B. (2022). **A monogamia não é uma escolha, mas um sistema opressor**. Entrevista concedida a Ana Requena Aguilar. Publicada no El Diario: Elefante Editora. Disponível IN: https://elefanteeditora.com.br/a-monogamia-e-um-sistema-opressor/ Acessado em 10 de agosto de 2022.

VIEIRA, M.S. (1997). **Casamento: Laços e Fitas**. IN: COSTA, Et All. (ORG) Comportamento Sexual. São Paulo: Moderna.

VILLAS BOAS, A, C V, B; DESSEN, M, A & MELCHIORI, L, E. (2010). **Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: uma revisão teórica.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 62, n. 2. Rio de Janeiro. Disponível IN: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v62n2/v62n2a09.pdf Acessado em 16 de agosto de 2022.

VITIRITTI, B; ANDRADE, S, M, O; PERES, J, E, C. (2016). **Diversidade sexual e relações profissionais: concepções de médicos e enfermeiros.** Temas Psicol. vol.24 no.4 Ribeirão Preto dez. http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.4-11

VORSATZ, I. (2015). O sujeito da psicanálise e o sujeito da ciência: Descartes, Freud e Lacan. **Psic. Clínica**, Rio de Janeiro, vol. 27, n. 2, p. 249-27.

WEBER, M. (1997). **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 12. ed. São Paulo: Pioneira.

WEEKS, J. (2012). **Sex, Politics, and Society:** The Regulation Of Sexuality Since 1800. 3rd ed. New York: Routledge. Disponível IN: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4425870/mod_resource/content/1/382346643-Jeffrey-Weeks-Sex-Politics-and-Society-the-Regulation-of-Sexuality-Since-1800.pdf Acessado em 1º de Agosto de 2022.

WEEKS, J. (1999). O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado** – Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica.

WITTIG, M. (1982). **A categoria de Sexo**. Texto publicado pela primeira vez em Feminist Issues 2, no. 2. Disponível IN: file:///C:/Users/Rosa/Downloads/a%20categoria%20de%20sexo%20monique%20wittig.pdf Acessado em 17 de agosto de 2022.

WITTIG, M. (2006). **El Pensamiento Heterosexual Y Otros Ensayos**. Barcelona/ Madrid, Editorial EGALES. Disponível IN: https://kolectivoporoto.cl/wp-content/uploads/2015/11/Wittig-Monique-El-Pensamiento-Heterosexual.pdf Acessado em 10 de agosto de 2022.

WITTIG, M (2022). **O Pensamento Hétero e outros ensaios.** Belo Horizonte: Autêntica

APÊNDICES

Apresento o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE.

Apêndice 1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: ADEUS MARIDOS, DE SAFO E SAPA TODAS NÓS TEMOS UM POUCO: RELATOS DO DEVIR LÉSBICO
Nome da Pesquisadora: Rosangela de Araujo Lima
Nome da Orientadora: Prof.ª Drª. Ana Lúcia Francisco

1. Natureza da pesquisa: A Sra. está sendo convidada para participar desta pesquisa que tem como finalidade estudar a importância da Visibilidade Lésbica.
2. Participantes da pesquisa: Serão 7 – Sete- Participantes da Pesquisa em foco.
3. Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo, a Sra. permitirá que a pesquisadora Rosangela de Araujo Lima faça entrevista sobre sua vivência como mulher lésbica, transcreva o conteúdo e o utilize, certamente que preservando sua identidade e mantendo-a sigilosa. A Sra. tem liberdade de se recusar a participar e ainda se declinar de continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a Sra, como também sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.
4. Sobre as entrevistas: Serão realizadas presencialmente, conforme agendamento prévio, de acordo com sua disponibilidade de tempo e horário. e\ou por meio remoto, como vídeochamadas ou uso do Skype, de acordo com a conveniência da Sra.
5. Riscos e desconfortos: Os riscos relacionados com sua participação são mínimos, é possível que a Sra. fique emocionalmente sensibilizada, em função de que seu relato trazer lembranças de eventos relacionados à intolerância, lesbofobia ou quaisquer outros que possam surgir a partir de seu relato. Caso seja necessário, ofereceremos contatos de serviços públicos e/ou gratuitos que poderão realizar atendimentos psicológicos de apoio. Os procedimentos adotados nesta pesquisa

obedecem aos critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade e autonomia.

6. Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e a orientadora terão conhecimento dos dados.

7. Benefícios: ao participar desta pesquisa a Sra. não terá nenhum benefício direto. Entretanto, a senhora terá como benefício a realização de uma devolutiva individual ao término da pesquisa, assim como a participação numa roda de conversa. Ainda esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a visibilidade lésbica, a experiência de sair de um casamento heterossexual, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ajudar outras mulheres em situação análoga, como também auxiliar a aprendizagem de discentes de Psicologia, e não só de Psicologia sobre diversidade sexual, visibilidade lésbica e sexualidade humana, posto que a pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos.

8. Pagamento: A Sra. não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs.: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

_____

Nome do Participante da Pesquisa

_____

Assinatura do Participante da Pesquisa

_____

Assinatura da Pesquisadora

_____

Assinatura da Orientadora

Pesquisadora: Rosangela de Araujo Lima

Comitê de Ética em Pesquisa: Rua _____

Telefone do Comitê: (81)_____

APÊNDICE 2. Roteiro de Entrevistas.

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Idade:

Etnia:

Orientação Sexual:

Religião:

Profissão:

Ocupação atual:

Renda Mensal: ( ) de 1 a 3 salários mínimos

( ) Mais de 3 salários mínimos até 5 salários mínimos

( ) Mais de 5 salários mínimos

1- Quanto tempo foste casada com um homem? Me fala um pouco sobre isso, como o conheceste e tudo mais…

2- Em teu casamento heterossexual, você alguma vez se percebeu "cuidando de seu marido como uma mãe"? Se Sim, me fala sobre por favor.

3- Se você saiu de seu casamento heterossexual para viver uma relação lésbica, teve dúvidas quanto a essa decisão, como se deu?

4- Como se deu teu primeiro relacionamento com mulher? Foi difícil para você ou o fato de ser uma mulher não era relevante?

5- Como teu entorno social reagiu ao te saber "lésbica"?

6- Algo mudou ao assumires um relacionamento com uma mulher em relação ao teu trabalho? Se sim, em que sentido? Você se assume como lésbica no trabalho?

7- Você já foi assediada sexualmente por um homem que sabia de tua condição como mulher lésbica? E por uma outra mulher?

8- Algum casal hétero já te convidou para fazer um Ménage à trois, ao saber que és lésbica? Se sim, conta a experiência…

9- Qual tua opinião sobre: Poliamor, Sexo casual, adultério, fumar maconha, porre por álcool, praia de nudismo etc.

10- Em relação à maternidade, como se deu o fato de assumir-se "lésbica" para seus filhos e filhas?

Esse é um roteiro, das respostas poderão surgir novas perguntas e questionamentos.